

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

KANHGANG ÊG MY HÁ: PARA UMA PSICOLOGIA KAINGANG

Rejane Nunes de Carvalho

Porto Alegre, 2020.

Rejane Nunes de Carvalho

KANHGÁG ÊG MY HÁ: PARA UMA PSICOLOGIA KAINGANG

Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Professora orientadora: Prof. Rosane Azevedo Neves Da Silva.

Porto Alegre

2020

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a **tupê**, pois a ele pedia todos os dias para segurar em minha mão antes de entrar em sala de aula, ao longo deste processo complicado e desgastante, por me ter feito ver o caminho, nos momentos em que pensei em desistir, me dando força e coragem, quando estava triste ou quando estava feliz é a ele a quem conto baixinho. Dedico a minha mãe Maria Alves pilar da minha formação como ser humano.

Agradeço ao meu filho **kafág** guerreiro, que caminhou junto de mim na realização deste sonho, me dando forças para seguir na luta. Ao meu esposo Sidi **vênh** smyk, pela compreensão pela minha ausência, por aguentar tantas crises de estresse e ansiedade, me dando apoio e carinho, me incentivando todos os dias para a realização de um sonho. Um homem maravilhoso, ao qual parou de estudar e trabalhar para cuidar de nosso filho para eu poder estudar.

Sou grata a Rafael Filter meu monitor que desde 2015 me acompanhou nessa trajetória, me ajudando a compreender a vida acadêmica me dando suporte.

Gostaria de deixar meu profundo agradecimento a francesa mais querida que já conheci, Clementine me ajudou guiando meus passos para que eu pudesse trazer a minha cultura para dentro da universidade.

Gratidão a Rosa Rosado que me acolheu na secretaria municipal de saúde, na saúde indígena, minha mãe na cidade, respeitando meu modo de ser e viver kaingang.

Rosane Neves minha orientadora, a qual escolhi com muito carinho, seguindo meu coração, se propôs a compreender e estudar a cultura kaingang.

Gratidão as meninas da Congrad Psicologia, Cris, Angela, Jéssica, por cuidarem de mim nos momentos tensos que passei na universidade, reconheço a paciência e o esforço para compreender uma cultura com hábitos diferentes.

O desenvolvimento desse trabalho de conclusão contou com a ajuda de diversas pessoas, em especial meus **kofás** que com seus conhecimentos uma biblioteca inteira, me deixaram levar seus ensinamentos para dentro deste trabalho.

Agradeço ainda aos meus professores, colegas da universidade e amigos que ao longo desta etapa me encorajaram e me apoiaram, fazendo com que fosse possível essa realização. Foi graças a todo incentivo que recebi diretamente ou indiretamente durante estes anos que hoje posso celebrar este marco na minha vida a minha formatura. Gratidão a todos!

RESUMO

As especificidades culturais na saúde colocam inúmeros desafios, entre eles a necessidade de formação adequada dos profissionais na área de saúde mental. Este trabalho de conclusão propõe refletir sobre as questões relativas às causas do sofrimento dos indígenas, que continuam em grande medida tão desconhecidos quanto a nossa riqueza étnica e cultural. A partir da experiência, tanto das dificuldades, quanto das superações de ser **kanhgág**, da marca tribal **kamê**, conectada com o mundo espiritual do meu povo e ao mesmo tempo estar no espaço da universidade, reflito sobre como compreendemos a nossa “saúde mental” de forma distinta do **fóg**. Na escrita deste relato vou tecendo as tramas do cesto, entre as minhas conversas com os **kófas**, na aldeia. Por nossa conexão sagrada com a natureza quando a mesma é tratada como mercadoria nos causa adoecimento, quando a Mãe Terra não tem mais forças para produzir e é abandonada, meu povo a chama para que não nos falte e volte a ter vida, nos dar vida para continuarmos fortes na nossa luta, que é constante. Quando nossas crianças nascem, enterramos o umbigo na porta da nossa casa, isso, para que os espíritos dos nossos **kósig** (filhos) não sejam capturados pelos **vênh-kuprîg kórég** (espíritos ruins). O vínculo com o território é tão forte que quando a pessoa **kanhgág** morre, ela tem que voltar para sua terra de origem. A quebra desse e de outros tantos preceitos culturais pode nos trazer sofrimento psicológico, assim como nos separar de nossos filhos. Por meio dessa trança entre relatos e vivências, busco trazer as particularidades da nossa cultura **kanhgág** me propondo a pensar uma psicologia **kanhgág**, direcionada a nossa forma de ser e estar no mundo, trazendo a nossa noção de **Kanhgág êg my há** para que o “povo da mercadoria” entenda nossas práticas originárias de saúde não somente no contexto das aldeias, mas também na universidade, território onde resistimos e existimos.

Palavras-chave: Psicologia Kanhgág, Diversidade étnico-racial, Atenção diferenciada a saúde, Povos Indígenas.

Os saberes indígenas consistem no silêncio dos ventos, no canto dos pássaros, no embalar das folhas, no assobio sereno dos rios, no contato sagrado com a Mãe Terra. **Kanhgág** não quer ser **fóg**, queremos falar por nós, sobre nós.

Um salve aos guerreiros que lutaram e lutam para indígenas como eu chegarem até aqui! Um salve aos povos indígenas que lutam diariamente por nossos direitos, resistir para existir! Um salve as mulheres indígenas que resistem com seus filhos dentro das universidades, um salve ao meu povo kaingang, povo resiliente que luta há mais de meio século para ocupar seus espaços e falar por si! Reverencia seus antepassados, escute seus sábios, pois sem eles não teríamos a felicidade de conhecer essa estrada chamada vida. Salve salve, guerreiros!

Rejane Paféj

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1- Breve história da violência contra os povos indígenas no Brasil e no Rio Grande do Sul

CAPÍTULO 2- As doenças espirituais dos kanhgág: Colonialismo, Modernidade e Capitalismo

2.1 As doenças espirituais e suas causas

2.2 “A ditadura do relógio”: A Universidade como espaço de produção das nossas doenças espirituais.

2.2.3 As doenças espirituais e as demarcações de terras

CAPÍTULO 3 - Por uma Psicologia Kanhgág decolonizadora

3.1 Como os saberes kanhgág ajudam a Psicologia

3.2 Experiência na clínica de atendimento psicológico

3.3 Experiência no estágio da Secretaria Municipal de Saúde de POA/RS

3.4. Entre o conhecimento e a maternidade - recordar é resistir:

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PSICOLOGIA KAINGANG

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KANHGANG ÊG MY HÁ: PARA UMA PSICOLOGIA KAINGANG

INTRODUÇÃO:

Sou Rejane Nunes, sou **Kanhgág**, natural da Terra Indígena Nonoai, localizada ao norte do RS. **Paféj** é meu nome no idioma **kanhgág**. **Paféj** é uma árvore que dá flores, brancas, amarelas, roxas, na mata fechada ela colore o verde. Essa árvore é maleável, dificilmente quebra, é forte, assim é a escolha de cada nome, conforme sua marca tribal, eu sou **kamê**. Os **fóg** (não indígenas) chamam essa árvore de ipê, mas meu pai diz que não é ipê é **paféj**, aquela que enfrenta, batalha e floresce em meio a tanto verde. Ele sempre dizia que eu nasci diferente, me ensinou a comer de garfo, por exemplo, dizendo que eu ganharia o mundo. Meu nome em português, Rejane, é o nome da primeira médica que ele lembra ter tido contato. Meu batizado foi nas águas do açude da aldeia, nas suas águas limpas. Com muitas folhas de árvores frutíferas e ervas medicinais fortes, me banharam no Rio grande, sou a primeira filha, muito esperada pelos meus pais. Meu pai me protegia tanto para a família que quando eu tinha 15 dias fugiu comigo, queria cuidar de mim, que eu fosse somente dele, não gostava que eu fosse amamentada pelas outras mães, mas eu chorei precisei de leite e ele voltou pra casa comigo nos braços. Infelizmente, hoje o açude já não tem tanta força como antes.

Os estudantes indígenas buscam os cursos de graduação que irão cursar pela demanda das suas comunidades, a escolha é coletiva. Meus tios me diziam muito para estudar para ser advogada, para ajudar a comunidade a defender seus direitos. Então era isso que queria fazer, o curso de Direito, mas quando fui prestar vestibular na UFRGS não havia vaga para esse curso, entre os cursos oferecidos havia Psicologia. Na época não sabia muito o que fazia um psicólogo, mas nas nossas comunidades é uma profissão nova, não tinha psicologia dentro da aldeia. Então pensei que se eu conseguisse que os **fóg** entendessem a nossa forma de ser, o nosso **Kanhgang Êg My Há**, o sentir-se vivo, o que nos faz bem enquanto **kanhgág**, ajudaria muito nossa comunidade. Até então se falava muito em “loucura” no ponto de vista ocidental,

mas quando ingressei no ano de 2012, para cursar Psicologia, quando fui fazendo as aulas, fui percebendo que algumas questões se encaixavam com o nosso **Kanfgang Êg My Há** e foi esse o começo dessa construção. Nesse mesmo período, ganhei meu presente de **Tupê**, o pequeno **Kafág**, meu filho. Me tornei, então, estudante acadêmica e mãe. Enfrentei muito, lutei muito pelos meus direitos, junto a outras mulheres indígenas, por sermos mães e estudantes em uma universidade pública, sem abirmos mão de estarmos com nossos filhos. Este sofrimento vivenciado junto com as parentes compõe um capítulo importante nos desafios enfrentados por uma estudante indígena na universidade. A universidade nos dá acesso, mas não proporciona permanência.

Ao chegar na selva de pedras, que é assim que nós chamamos a cidade, nos obrigam a viver como **fóg**, não indígena, algo que jamais acontecerá, nosso sangue indígena é mais forte. Com uma carga horária pesadíssima, textos e mais textos para ler, horários definidos para almoçar, horário para levantar, horário para tudo, querem nos moldar. Viver no coletivo é uma escolha nossa, lutamos desde o primeiro edital de ingresso para termos nossa casa, nosso espaço. A CEU (Casa do Estudante Universitário da UFRGS) está preparada para universitários brancos, e não guerreiros indígenas como nós. Rimos alto, cantamos, dançamos, queremos fazer nosso **êmî**¹, que é um bolo que cozinhamos na cinza, nosso **kumî**², uma folha que nossos pais e avôs cozinham para que nos tornemos fortes, mas todas as vezes que nos juntamos, somos considerados arruaceiros. Nos denunciam e nosso **Kanfgang Êg My Há** (o que nos faz bem como **kanhgág**) é questionado.

A não aceitação do meu **kósig** (filho) foi a pior experiência que vivi dentro da universidade. Fiquei durante cinco longos anos escondendo meu pequeno **Kafág** que só saía do quarto depois que verificássemos que realmente não tinha ninguém nos corredores que poderia nos denunciar. Tinha que tomar banho muito cedo ou depois da meia noite, horário em que os **fóg** que moram na CEU já estavam recolhidos e não o veriam, pois como não é permitido pelo regulamento, certamente fariam denúncias.

¹ Tradicional bolo na cinza.

² Folha da mandioca brava.

Kafág é um guerreiro, **kamê pé**³, a luta era diária, mas nada faria desistir de um sonho, que agora era dele também. Passava o tempo e meu pequeno estava crescendo, não tinha mais como escondê-lo. Problemas surgiram, denúncias foram feitas contra nós. Meu **Kafág** voltou para a aldeia e chegaram os piores meses da minha vida, não conseguia estudar, não conseguia me concentrar em nada da academia, somente chorar, um sofrimento que não sei como explicar.

Na minha mente passa um filme de tudo que eu passei dentro da universidade, pensava: “Querem que aqui se termine mais uma caminhada, que eu abandone, mas eu sou mais forte, nasci mulher, nasci guerreira, nasci kanhgág. Honrarei aqueles que lutaram para eu estar aqui”. Com a cara e a coragem trouxe meu filho novamente para a Casa do Estudante UFRGS, um ser iluminado que com seu sorriso começou a encantar toda a casa, e mesmo aqueles que até então somente tinham olhos para os textos acadêmicos. Claro que muitas denúncias foram feitas para nos tirar da casa, mas **Tupê**⁴ em sua infinita bondade nos deu muitas alegrias, pessoas que lutaram e lutam para que mãe e filho permanecessem juntos, pois seria desumano separar duas almas que são uma só.

Assim, depois dessa luta e de muitas outras lutas por direitos, como acesso ao Restaurante Universitário com nossos filhos, acesso à creche da UFRGS, a quartos individuais para mães com seus filhos, o auxílio moradia foi o único benefício que conseguimos acessar. Mães com seus filhos indígenas saíram da Casa, com a ajuda de custo de 450 reais para pagar aluguel na grande Porto Alegre. Direitos que deveriam ser assegurados e garantidos, mas, infelizmente, é na luta diária, abrindo caminhos na universidade e inspirando outros estudantes indígenas, se fortalecendo na sua origem e nos seus ancestrais para enfrentar o racismo e preconceitos fortemente presentes contra os povos indígenas.

Mas, é como disse o **kófa** Darci: “O que vou te falar é triste minha fia, você tá estudando, nós se sentimos vitoriosos por isso, mas dificilmente vai conseguir chegar tão alto porque os **fóg** levam todo crédito e não deixam os índio ser igual eles, sempre nós tem que

³ Organização social dos Kanhgág é a divisão nas metades exogâmicas, KAMÊ e KAIRU, que se opõem e se complementam, o Sol é Kamé e a Lua é kairu, na tradição kanhgág os casamentos devem ser realizados entre indivíduos de metades opostas, os Kamê devem casar-se com os Kairu e vice-versa. Os filhos, de ambos os sexos, pertencem à metade e de seu pai, esse procedimento contínuo através das gerações estabelece o caráter patrilíneo da sociedade Kanhgág. Voltarei a isso mais adiante.

⁴ Aquele que é maior que nós, aquele que não vemos, mas o sentimos, aquele que nos guia, nos fortalece.

estar um degrau abaixo, porque eles acham que nós não podemos ter o mesmo conhecimento deles, mal eles sabem que nós sabemos bem mais que eles, mas em compensação, não precisamos sair gritando por aí dizendo que somos sábios”. Os nossos mais velhos têm muita sabedoria e são humildes, já na universidade vivencia-se a arrogância dos que têm conhecimentos sobre os clássicos europeus, mas não sabem de nós que estamos aqui há milênios.

Nos caminhos pela selva de pedra, a lembrança e a memória viva de um passado de extermínio dos meus antepassados vêm com força. A imposição da forma de vida dos **fóg** e o não reconhecimento da nossa diferença pesam na alma e machucam, mas esse sofrimento muitas vezes é invisível para a universidade. Por trás de todo um discurso inclusivo, há na universidade o reflexo da sociedade ocidental, branca, estruturada pelo racismo. Aproveito esse espaço do trabalho de conclusão de curso para questionar essas imposições através de poder do **fóg**, a partir da existência dos nossos coletivos **kanhgág**, baseado principalmente no modo de vida, **Kanhgág Êg My Há**, do qual faço parte. Busquei também a reflexão deste desencontro a partir de uma psicologia indígena, na busca de disseminação e de construção de um cuidado em “saúde mental” adaptado à justa causa dos povos originários desta terra. Afinal, quando um indígena se forma no ensino superior, não é um mérito pessoal, individual, e sim a vitória é de todos os indígenas. É vitória da luta dos povos originários pela conquista dos espaços que ainda lhes são negados pela sociedade envolvente. E é claro que o fim deste ciclo não poderia passar em branco: a formatura virá como o marco da vitória desta jornada! Saio da UFRGS deixando uma mensagem de luta: A universidade é, e precisa ser cada vez mais, um território **Kanhgág**! A universidade é, e precisa ser cada vez mais território indígena. E essa luta é, e precisa ser cada vez mais uma luta de todas e todos que lutam por uma sociedade mais justa e igualitária. O fim desse caminho tem um significado enorme não só para mim, mas para todos os que me acompanharam nessa trajetória marcada por muita garra, luta, força e superação.

As questões indígenas impõem necessidades tais como a formação de profissionais na área de saúde mental. Para juntos colocar em pauta as questões do sofrimento em aldeias indígenas, que em grande medida segue desconhecido, tanto quanto a riqueza cultural que possuímos. Assim, acaba-se perpetuando a invisibilidade dos povos que aqui habitam. Colocar seus pés descalços na terra é estar conectado com a natureza. Solicitar à mãe terra

alimento é conectar-se com um mundo espiritual que apenas os povos indígenas compreendemos. Então, quando a mesma é tratada como mercadoria nos causa adoecimento, quando a mãe terra não tem mais forças para produzir e é abandonada, lá está seu povo chamando-a para que a mesma não nos falte e volte a ter vida e a nos dar vida para continuarmos fortes na luta que é constante, pois a relação dos indígenas com a floresta é umbilical. Quando nossas crianças nascem, enterramos o umbigo na porta da nossa casa, para que os espíritos dos nossos filhos não sejam capturados pelos **vênh-kuprîg kórég** (espíritos ruins). O vínculo com o território é tão forte que quando a pessoa morre, ela precisa voltar para sua terra de origem, por isso o território para nós é onde estão enterrados nossos umbigos. A quebra desse preceito pode nos trazer sofrimento psicológico, como os **fóg** falam.

Nossa visão do que é a doença é muito diferente dos **fóg**, por isso é interessante comparar diferentes tipos de adoecimento, pois temos o adoecimento espiritual para os indígenas que muitas vezes é visto como depressão, sendo tratado como uma doença psíquica e que precisa ser medicalizada. Para nós, isso que se chama “saúde mental” é diferente da visão ocidental, pois engloba vários aspectos mais amplos da saúde que estão todos ligados entre si: o corpo, a mente, território e espiritualidade estão conectados. Portanto, quando uma parte adocece, é o todo que está afetado. Além disso, tanto a psicologia como as demais áreas da saúde dos **fóg** desconhecem nossos sofrimentos que decorrem de todo o processo histórico colonial, que gerou muitas doenças como a depressão, podendo até levar os indígenas a cometerem suicídios.

Eu mesma fui diagnosticada com a CID de depressão pós-parto e medicada, mas sem levar em conta que a insegurança gerada pela não aceitação do meu filho pela universidade foi a causa do meu adoecimento. Meu pequeno **Kafág** também nasceu doentinho. Na aldeia aprendemos que somente somos abençoadas quando geramos filhos, que nossa mãe terra dá frutos e temos que seguir os passos daquela que nos fortalece. A rejeição de meus colegas já era algo que me deixava para baixo: - “O que eu tenho de diferente? Porque ninguém quer fazer trabalho comigo?” Essas perguntas tomavam conta da minha cabeça, diariamente.

Nós **kanhgág**, pertencentes ao grupo cultural Jê que temos como característica um sistema dualista, formado por duas marcas complementares que recebem os nomes de **Kamê** e **Kairu**. Esses nomes remetem ao mito de origem do mundo **kanhgág** a partir de dois irmãos gêmeos os quais criaram todas as coisas (os animais, as plantas, etc.) e passaram a povoar a mãe terra com os seus parentes, descendentes.

Em tempos primevos, eram dois os sóis que existiam, o que implicava a ausência da noite, do orvalho, da água e, como consequência, a impossibilidade de multiplicação das plantas, das pessoas, dos rios... da vida como um todo. Mas, transcorrida uma briga entre os dois, um deles, o sol vencedor, vazou os olhos do outro, o sol perdedor. Este, enfraquecido, transformou-se em lua, dando início à noite e aos ventos para refrescar a Terra. Em sua origem, portanto, sol e lua (ex-sol) são o mesmo ser. O dia/sol e a lua/noite complementam o mundo, permitindo a existência da vida, pois a fertilidade vem da oposição e complementaridade de tudo que existe. Após a luta entre os sóis, Kairu (Lua) não queria mais proteger e ajudar os humanos Kaingang, porém Kamê lhe solicitou que permanecesse cuidando de nossos antigos. Kamê nos protegia de dia, e Kairu, à noite. Kairu, no entanto, sentiu muita dor pelo ferimento em seu olho e pela solidão, pois estava sem seu parceiro para consolá-lo. É por esse motivo que, ao alvorecer, molhamos nossos pés nas gramas, no orvalho do amanhecer – nas lágrimas de Kairu – confortando-nos. O que o Sol seca durante o dia, a Lua revive à noite para os Kaingang (Claudino, 2012, p.12).

Enquanto **Kamê** é simbolizado por um traço, uma linha, guerreiros linha de frente, impulsivos, **Kairu** é simbolizado por um círculo, espirituais, estratégicos. Por exemplo: o sol é **Kamê**; a lua é **Kairu**; a onça é **Kamê**; o macaco é **Kairu**. O artesanato Kanhgág é feito com os traços cosmológicos da/o artesã/o, evidenciando a qual grupo pertence. Ainda seguindo as tradições **kanhgág**, os casamentos devem ser realizados entre indivíduos de metades opostas, isto é, um indivíduo da metade **Kamê** somente poderá se casar com alguém da metade **Kairu**. Os filhos pertencerão à metade paterna: se o pai é **Kamê**, os filhos e filhas também serão da metade **Kamê**.

Somos ensinados que nossos casamentos devem seguir regras, duas metades diferentes que se complementam seguem abençoadas pelos **jagrês**⁵, pela mãe terra. Ao contrário, punições podem vir à tona, como foi meu caso, pois meu pequeno guerreiro é filho de dois **kamê**. Durante seis meses após seu nascimento, **Kafág** chorava continuamente, quando o sol se punha, incansavelmente ele chorava, sentia a dor e a falta de sua metade. **Kafág** deveria ser **kairu**, por isso a tristeza era noturna. Essa foi a explicação da teoria de quem tem o saber

⁵ Espíritos da mata, torna-se visível com a forma de animal, algumas vezes fauna e flora, espírito guia do kujá, nossa liderança espiritual.

da prática, de alguém que sabe do que fala, talvez até mais do que muitos filósofos que já ouvimos, minha mãe, MARIA **kairu**. Minha mãe sabendo que poderíamos o perder, pois seu espírito não estava aceitando ficar junto de nós, resolveu fazer rituais para que ele permanecesse conosco. Colocamos ele no meio de nós, roupinhas dele jamais poderiam ficar para o lado de fora da casa e eram colocadas ao centro do guarda-roupa em meio às roupas mais usadas e vestidas por nós. No dia 7 do seu nascimento, **Kafág** não saiu do quarto, ficou lá no escuro para que nenhum espírito o visse. Neste dia, o banhamos com ervas medicinais para que os espíritos ruins não sentisse seu cheiro. Minha mãe repetia várias vezes ao dia “**êg mré koni ne kósig**”, isto quer dizer: “fica com nós meu filho”. O tempo passou e minha mãe costumava dizer aos poucos: “**nosso kósig** está junto de nós com os dois pés, e realmente ele ficou.” Hoje tem 7 anos de muito amor e carinho, meu companheirinho, meu guerreiro, que hoje em eventos faz questão de fazer uma fala de abertura ou encerramento. A maioria das vezes que fala sempre tem um dizer que acho lindo: “sou indígena **kaingang**, acompanho minha mãe em tudo, porque nós indígenas somos assim, onde a mãe vai, os filhos vão junto”.

Quando fui diagnosticada com depressão, só queria acordar, era como se estivesse em um sonho ruim, medicada, apenas sobrevivendo, até que um dia minha mãe me disse: “joga fora esses remédios minha filha, esses remédios não curam, eu agora vou cuidar de você”. Banhos, chás, muitas conversas com o **goj mág (rio grande)** em banhos medicinais de cura, conversas com os pés descalços em contato direto com o coração da Mãe Terra, foram levando todo olho ruim daqueles que me olhavam torto nos lugares, numa universidade que não aceita como somos e causa esse tipo e muitos outros tipos de adoecimentos. Hoje vivo os dois mundos, graças a **Tupê**⁶, sou universitária e sou indígena, levo minha cultura para a academia e não o contrário, como o sistema impõe.

Ao valorizar o que aprendemos na aldeia, com os nossos **kofá**, nos fortalecemos e percebemos que somos guerreiras e guerreiros, com garra para superar e enfrentar os preconceitos e o racismo, seguindo nossos caminhos, conforme nossos **jagrês**. É urgente recuperarmos dos impactos da dominação cultural sob nossos corpos e darmos importância à nossa história para entendermos as doenças espirituais que nos acometem hoje.

Na aldeia nós somos criados livres. As crianças são criadas brincando na terra sem serem abafadas, pela super proteção, sem a insegurança, como ocorre na cidade. Brincam com zarabatana, bodoque, lacinho, tomam banho de rio e pescam tranquilamente, sem medo.

⁶ Criador de tudo.

Criados assim, os **Kanhgág** são alegres. Por isso, dizemos que não existe depressão para os indígenas, mas um adoecimento espiritual. À medida que nossos territórios não são demarcados ou que são reduzidos, que os rios poluídos, as ervas medicinais desaparecem, as comidas típicas ficam raras e a caça então, nem se fala. Nosso território é sagrado, e ele também pode ficar doente, se ele sumir, se ele fica ferido, nós adoecemos espiritualmente. O território, nosso corpo e nosso espírito: são a mesma coisa. Pois somos a natureza, a natureza está em nós e nós nela. Por isso surge a depressão como doença nova, principalmente nas aldeias urbanas. Não lhe parece poético que um corpo celeste produza sua própria luz, acredito que é possível que duas **krîg** (estrelas) vaguem pelo universo, como um casal que se ama eternamente nos braços de **tupê**. A modernidade está nos tirando esse olhar sensível.

Desta forma, o objetivo desse trabalho é refletir sobre a relação do que chamam de adoecimento psicológico e a doença espiritual na nossa visão, para pensar uma psicologia **kanhgág** a partir do **Kanhgang Êg My Há**, com o fortalecimento das nossas práticas ancestrais de cura e cuidado. Para tanto, penso ser necessário discorrer sobre o quanto o avanço dos **fóg** sob os territórios indígena e seus impactos nas comunidades indígenas, principalmente no âmbito do que é chamado saúde mental. Este TCC busca trazer propostas para trazer a psicologia indígena para as aldeias e incentivar políticas públicas específicas aos povos indígenas, considerando as diferenças entre etnias e as especificidades que existem em cada aldeia, pois somos um povo, mas cada aldeia tem seu modo de ser e viver.

Neste trabalho quero também ressaltar que a psicologia, na academia, precisa reconhecer nossas vozes e nossos saberes indígenas. Somos protagonistas da nossa própria história e a melhor forma de vencer a dor da discriminação é tomarmos consciência da nossa potência para enfrentar o mundo dos **fóg** e reestruturar nossa identidade rompendo com os complexos de inferioridade que há séculos nos provocaram (FANON, 2008). A superação do lugar de inferioridade no qual nos colocaram historicamente é terapêutico para nós. Meu povo tem dias difíceis, sim, mas tem alma de águia e um coração de borboleta, renasce, rompe o casulo e voa lindamente. Muitos podem discordar, mas minha concepção de doença é essa: **jâgré** (espírito) adoecido, corpo adoecido, corpo e mente são um só! Por isso que para nós não faz sentido falar em saúde mental, mas seguirei usando ao longo do texto para me fazer entender pelos **fóg**.

Capítulo 1- Breve história da violência contra os povos indígenas no Brasil e no Rio Grande do Sul (1910-1988)

Somos invisíveis até hoje na história do Brasil. Se você perguntar a qualquer pessoa, quem descobriu o Brasil, ele dirá, sem dúvida, “Pedro Álvares Cabral”. Mas, na realidade, aqui havia milhares de povos que foram esquecidos propositalmente para que o colonizador fosse o protagonista. Somos lembrados apenas no dia 19 de abril, “dia do índio”? Dia do índio é todo dia, pois todos os dias temos que afirmar nossa presença em espaços para que sejamos vistos. A real história dos povos indígenas não é contada nas instituições de ensino, tanto nos níveis básico como superior. O foco é apenas direcionado para a história europeia ocidental. O Brasil nasceu do genocídio, do estupro, da escravização e da superexploração dos povos indígenas, mas, sobre isso, pouco foi escrito.

O Serviço de Proteção aos Índios (SPI) foi criado em 1910 pelo Estado brasileiro, com, supostamente, o intuito de proteger territórios e povos indígenas. Mas essa foi uma das épocas mais obscuras da nossa história. A política do SPI era baseada na ideia que os indígenas eram atrasados, que seus costumes precisavam se adequar aos moldes da civilização europeia. Assim, suas práticas cotidianas, como os rituais, as curas, os partos, a extração de ervas medicinais, foram ferozmente perseguidas, até o uso das línguas originárias era duramente rejeitado. Além disso, os indígenas não respondiam por si, quem controlava as aldeias era o Chefe de Posto, um não-indígena nomeado pela Diretoria do SPI, ou seja, pelo Estado. Nós éramos tutelados, significa que não podíamos falar por nós mesmos, éramos tratados como crianças. Por exemplo, minha família me contava, e eu, inclusive cheguei a ver isso, que quando as mulheres eram surpreendidas fofocando, o Chefe do Posto, atuava como um juiz e fazia com que as lideranças indígenas obrigassem elas a varrer o chão do Posto. Da mesma maneira, naquela época um dos castigos mais cruéis era o tronco. Esta ferramenta de tortura consistia em duas madeiras que iam apertando a parte do tornozelo e em algumas ocasiões também era aplicado nas mãos e as pessoas punidas acabavam urrando de dor.

No Brasil, durante a ditadura militar, foi criado a GRIN Guarda Rural Indígena. Recrutou e filmou a indígenas dos povos Xerente, Maxacali, Carajá, Krahô e gaviões. Eram obrigados a fardar-se e punir seus parentes, o pau de arara, por exemplo, uma genuína invenção brasileira, uma dos mais temidos instrumentos de tortura, foram treinados por

militares, viver ou morrer, caso desobedecessem ordens⁷. Uma cerimônia foi feita onde o presidente da SPI na época, José Queiroz Campos, se fez presente junto de sua corja para então celebrar suas atrocidades contra os povos indígenas, gravações que vieram a público depois de mais de 42 anos. Foi criado também um reformatório, chamado krenak pelos militares, por fazer parte de terras desta etnia, funcionava como presídio e trabalho forçado para punir severamente indígenas, servia para reeducar aqueles que se revoltassem e se recusassem a sair de suas terras tradicionais. Segundo o Relatório Figueiredo, 80% dos indígenas que foram presos na época, não sabiam a causa da prisão, pois não falavam necessariamente a língua do carrasco e, sobretudo, não havia registros do porquê da detenção. Uma das torturas mais abomináveis que foi relatada é a de um indígena que preso, foi obrigado a beber leite fervendo e em seguida ingerir água gelada, o que resultou em sua morte, poucos dias depois. Nos registros constam os seguintes motivos para as prisões dos indígenas: “atrito com Chefe do Posto indígena”, “vadiagem”, “uso de drogas”, “embriaguez”, “prostituição”, “roubo”, “saída da aldeia sem autorização”, “relações sexuais indevidas”, “pederastia”, “homicídio”, “agressão à mulher”, “problemas mentais”. Toda essa violência era recorrente, indígenas que desapareciam e que jamais foram encontrados.

Mas o pior de tudo isso é que os colonizadores (inclusive o próprio Estado-Nação brasileiro mediante o representante do SPI) fez com que os próprios indígenas fizessem seu trabalho sujo. Isso demonstra o quão sombrio é essa face do governo que se declarou historicamente contra os indígenas, inclusive fazendo com que se sintam inferiores e acabassem se olhando com os olhos dos colonizadores (QUIJANO, 2000). Aqui no sul com os **Kanhgág** não foi diferente. Em Nonoai, a prisão também apareceu no período da ditadura militar, eram chamadas de “boi preto”, um quarto com 4 paredes feitas de tábuas lascadas e sem teto. O encerramento em tais estruturas servia para, como diz minha mãe, “amansar os **jû ka mó** (os mais bravos)”. Para isso, os “policiais” indígenas eram obrigados a jogar água gelada para dentro da cela durante o inverno. Estas torturas eram uma forma de fazer ceder os **kanhgág** para que elas trabalhassem nas roças do Posto. Estas roças eram controladas também pela administração do Posto e não ganhavam nada com isso. Meu tio me comentou que em troca do trabalho fornecido, os antigos podiam escolher entre ganhar sacos de trigo (uma ínfima parte da sua produção), uma cabeça de boi ou uma garrafa de cachaça⁸. O álcool

⁷ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ZCk69eSsG2k>

⁸ Para mais informações e detalhes sobre a atuação do SPI em Nonoai, ver a tese de Sandor Bringmann (2015).

foi historicamente empregado como mecanismo de controle social do trabalho em várias regiões da América Latina. Entre os **Kanhgág**, nossos antepassados ficaram rapidamente acostumados ao uso do álcool que servia como um anestésico para deixar de sentir as dores provocadas por séculos de perseguição e opressão. Outro aspecto do etnocídio provocado pelas políticas do SPI foi forçar os nossos antepassados a desmatarem seus territórios. Em várias Terras Indígenas, os dirigentes do SPI lucraram com a exploração e venda de madeira, e isso provocou ainda muitas brigas entre nossos parentes.

Os parentes foram forçados a destruir o coração da aldeia, **nên**, a floresta, isso deixou marcas muito profundas em nossos corpos e espíritos até hoje. É possível dizer que o SPI foi formado em continuidade com o processo de colonização, nesse período já não eram os portugueses que colonizavam os indígenas, mas o próprio Estado brasileiro. Seu modo de atuar, trazendo doutrinas positivistas, continuou utilizando técnicas de sedução e amansamento. Os povos indígenas sofrem há mais de 520 anos apenas para suprir os caprichos dos **fóg**. Como se não bastassem as doenças trazidas pela colonização, também nos atingiram, territórios inteiros foram proibidos de falar sua língua materna, seus cantos, danças, para serem considerados “civilizados”. Questiono: Que civilização é essa que polui nossos rios, mata nossos peixes entre outras tantas atrocidades? Hoje se diz que não existe mais indígena, tanto negam nossa existência que próprio ministro da Educação afirmou que “odeia o termo povos indígenas”. Tudo isso não é à toa, afinal somos nós que cuidamos e protegemos o pouco que resta de natureza. Critica-se que os “índios”⁹ vivem como o branco, que têm telefone, luz, tênis de marca, eu respondo: - Nosso sangue nativo corre nas veias não no telefone ou tênis de marca, indígena vai ser indígena aonde for. Nosso espírito é da floresta! Podem nos tirar tudo, menos nosso espírito guerreiro, por toda a história que a gente compartilha, indígena reconhece indígena a quilômetros de distância.

Trouxe aqui uma pequena parte da nossa história recente, isso, com o intuito de mostrar o quanto essas feridas provocadas pela continuidade de um sistema colonial, seguem sangrando dentro dos nossos corpos e espíritos. Num momento marcado por uma macropolítica contrária à diferença, que está sendo chamada de necropolítica¹⁰, onde o próprio presidente da república diz coisas absurdas do estilo: “índio é quase gente” ou ainda: “Ele [o

⁹ Não esqueçamos que a categoria de “índio” é uma categoria criada a partir de um equívoco histórico com a finalidade de categorizar a população que não era considerada “civilizada”, e serviu e segue servindo fins coloniais.

¹⁰ MBEMBE, Achille. Necropolítica. Melusina, 2020.

índio] devia ir comer um capim ali fora para manter as suas origens”, “eu tenho dito que, se depender de mim, não tem mais um centímetro de Terra Indígena demarcada”. É importante lembrar que nós **Kanhgág** somos vários grupos que pulsamos nosso **Kanhgág Êg My Há**, como bem viver coletivo e a maioria de nós não quer, nem está disposta a se adequar ao capitalismo.

Diante de tudo relatado que traz à tona as causas de inúmeros sofrimentos e adoecimentos do meu povo, retorno ao tema do trabalho. A Psicologia é uma profissão nova nas aldeias e devemos levar sempre a nossa psicologia, não a dos **fóg**. A Psicologia **Kanhgág** que ouve nas vozes dos **jagrês**, que faz uma escuta coletiva, para dar nosso melhor ao meu povo, pois a psicologia que aprendemos na universidade é uma psicologia europeia ocidental e às vezes eu mesma, na universidade, tinha dificuldades para me enxergar ali. Muitas vezes me questionava se ali era meu lugar, na sala de aula tentava mostrar que não existe somente uma psicologia lacaniana, freudiana, mas que também é necessário construir uma psicologia indígena para enfrentar de outra maneira os problemas que a colonização trouxe e que perpetua até hoje. Uma psicologia indígena, para mostrar a potência que existe em profissionais indígenas qualificados para trabalhar com povos indígenas, levando em conta sua cultura, seu modo de viver, pensar e sentir, assim como suas formas de conhecimento e saberes, ressaltando também que o indígena que vai para a cidade, por exemplo, não deixa de ser indígena.

Assim é a psicologia que vai para aldeia, não deixa de ser psicologia ela apenas se transforma, se abre para perspectivas indígenas. Me atrevera a falar de uma psicologia decolonial, no sentido de buscar o desprendimento da perspectiva dos colonizadores, mas uma psicologia nossa, formada desde dentro das aldeias, a partir do nosso **Kanhgang Êg My Há**.

A expansão do capitalismo trouxe para nós estas doenças espirituais como diz Maria **kairu** 48 anos “Antes na aldeia nós dividia tudo, **rêgre**¹¹, **kenkê**¹², se tinha respeito. Hoje tudo tem dono, tudo tem cerca”. Nosso **Kanhgang Êg My Há** pode ser exemplificado assim, na nossa relação com o mundo espiritual, os espíritos nos influenciam mais do que imaginamos. Eles nos guiam, estão por toda parte, na água, nas árvores, no ar, na Mãe Terra. A Mãe Terra e os seres que nela habitam, todos têm um espírito, todos respiram e esse mundo louco faz com que os mesmos sejam esquecidos. O material para a realização do nosso artesanato tem

¹¹ Irmão de sangue, irmão de marcas conforme o dualismo, *kamê kairu*.

¹² Irmão mais velho, conforme as marcas do dualismo, *kamê kairu*.

espírito, nossas peneiras, por exemplo, são sagradas. Quando uma de nossas crianças se assusta a mãe passa a peneira na água. Entramos no rio, pedimos permissão e com os braços firmes junto da peneira vamos pegando a água que, para nós, é um espírito e vamos jogando-a para fora pedindo: “**goj inh my inh kósin pére kotîg**” (água devolve meu filho), “**kónêg ta ni ver**” (ele ainda é pequeno). Conversamos com a água com todo respeito ao qual faríamos com qualquer ser, para que ela devolva o espírito da criança que com ela ficou. Caso contrário, a criança adoece ou nos casos mais simples, a criança pode ter dificuldades com a fala, em casos mais graves pode levar à morte.

O nosso **Kanhgág Êg My Há** é a nossos territórios demarcados e protegidos, é outra forma de produção de alimentos sem venenos, são nossas matas e o pedido de permissão para nelas entrar e abraçar uma árvore, é sentir o cheiro das matas. Em resumo, é nossa forma de conexão com a Mãe Terra.

Quando vamos aprender a trançar, nossos pais nos levam até a mata, solicitando aos **jagrês** que nos abençoem para a confecção, nos é ensinado desde a permissão na entrada da mata, até os cheiros que podemos sentir. Vamos até o centro da mata e escolhemos uma **sukrîg** (aranha) que tenha feito sua teia, pedimos a ela licença para que ela nos abençoe com o seu dom de trançar e fazer aqueles lindos traços, passamos a mão com todo cuidado na sua teia, fazemos com que ela não se sinta acuada ou com medo, conversamos com nossa parente, explicamos o porquê de estarmos ali, pois um dia já fomos seres da mata, nós não morremos, viramos natureza, fauna e flora. Ao passar a mão na teia da **sukrîg** adquirimos suas habilidades de tecer e nós fazemos nossas cestas conforme nossas marcas.

Nossos **kanhgág** mais antigos têm muitos dons, como, por exemplo, pegar folhas secas na entrada da mata, cheirar e saber quais árvores têm ali, frutíferas, ervas medicinais, um ritual de licença, solicitando permissão para que possamos entrar e desfrutar dos bens que a floresta nos dá. Todos os seres, humanos e não humanos, têm espírito. Eles sofrem e são animados, considera-se que eles têm vida, então deve-se pedir licença para retirar, por exemplo, uma casca de uma árvore e deve-se cuidar para curar a árvore depois. Tem limites para pegar remédio na mata, respeitando a saúde das árvores. Isso é essencial para pensar a Psicologia **Kanhgág**, pois não apenas os humanos são seres que devem ser respeitados e terem direitos, afinal a saúde dos humanos depende da saúde da floresta.

No Equador, onde a maioria dos habitantes são indígenas, fizeram uma constituição na qual são incluídos os direitos da natureza:

Art. 72. A natureza ou Pachamama onde se reproduz e se realiza a vida, tem direito a que se respeite integralmente sua existência e a manutenção e regeneração de seus ciclos vitais, estrutura, funções e processos evolutivos.

Toda pessoa, comunidade, povoado, ou nacionalidade poderá exigir da autoridade pública o cumprimento dos direitos da natureza. Para aplicar e interpretar estes direitos se observarão os princípios estabelecidos na Constituição no que for pertinente.

O Estado incentivará as pessoas naturais e jurídicas e os entes coletivos para que protejam a natureza e promovam o respeito a todos os elementos que formam um ecossistema (Equador, 2008).

Os Povos Indígenas têm uma forte ligação de respeito para com a natureza, seus ciclos, assim como sua condição, nos afetam diretamente. Desta forma, as doenças espirituais para nós têm a ver com os maus tratos à Mãe Terra e a não demarcação das terras indígenas. Isso é o que nos adocece.

2 As doenças espirituais dos **Kanhgág**: Colonialismo, Modernidade e Capitalismo

2.1 As doenças espirituais e suas causas

São vários os fatores do adoecimento espiritual entre os **Kanhgág**, mas muitos têm a ver com o contato com os não-indígenas, a relação de preconceito e o que isso provoca. Primeiro, temos os impactos do capitalismo sobre as nossas vontades, acabamos querendo também consumir como os **fóg**. Nós, antigamente, não tínhamos isso. “A vida era muito mais difícil que hoje, era muito sofrido, não tínhamos nem casa boa, mesmo assim a gente não se sentia triste” me disse a **Kofá** Maria, minha mãe. E ainda seguiu: “Os **fóg** estão vindo cada vez mais dentro das aldeias e nós tendo que se adaptar ao modo deles viver, trouxeram a cultura do mercado, hoje compramos quase tudo no mercado para nos sobreviver, eles vem plantam seus agrotóxicos e nossos bicho, com o cheiro forte, vão embora, nossa comida morre e nós junto vamos morrendo”.

Hoje alguns jovens **kanhgág** ficam frustrados se não têm um tênis bom para calçar. Vivíamos da floresta, isso não nos importava, mas aos poucos, foram nos impondo cada vez mais os bens de consumo, que foram transformando-se em necessidades para nós. Antigamente não precisávamos de nada disso. “Esses tempos eu estava endividada, eu saia do banco mais nervosa do que entrava, aí eu digo de novo doença do branco”, comentou minha mãe comigo. Antes vivia-se do que a floresta e a mãe natureza forneciam. Hoje, com a

invasão das cidades sob nossos espaços de vida, pela nossa sobrevivência, tivemos que nos adaptar, atualizar nossa forma de ser, uma forma de resistência para nossa existência. Comer comidas industrializados, por exemplo, pois nossas comidas típicas estão se acabando cada vez mais com a entrada dos agrotóxicos em nossas comunidades. “Nossas comidas eram todas plantadas, meu finado pai plantava bastante, arroz se socava no pilão, milho também nós fazia **piché**, feijão era batido a manguá e depois escolhido, batata, mandioca, abóbora, trigo nois trocava com o **fóg** do moinho, levava o trigo e ele dava farinha. Nossas plantas aquela época não tinha secando, esses negócios que prejudica a saúde, **engoro** não precisava ir longe atrás, qualquer lugar tinha, era até bonito de se ver, agora não se vê nenhum pé mais bonito e quando acha ainda! Estamos comendo secante, nosso engoro tá morrendo, nossa água hoje em dia é só cloro, antes comíamos coisas naturais, era tudo diferente, socado no pilão, nossas canjicas, hoje em dia as comidas nem tem mais gosto, enche de temperinho pra tirar o gosto do secante, isso tá matando nós **kanhgág**”, comentou a **Kofá** Maria. O **Kofá** Darci me disse: “O agrotóxico está nos matando, passam veneno em cima das nossas comidas para secar, comemos pela resistência da sobrevivência, antes ficávamos doentes por tosse comprida, catapora, sarampo, meningite, hoje as doenças já vêm na comida, dor nas cadeiras nem sabíamos o que é isso, agora qualquer menina nova já sente essas dores, mas porque não comíamos a comida do **fóg**, nossa comida era **piché, rânh, fujá**”

Temos a questão da religião nas aldeias. Antônia comentou comigo: “a religião entrou e afetou a gente, temos a nossa cultura e os pastores vêm aqui pra dentro ditando regras, desfazendo da nossa cultura. Não que eu sou contra a religião, mas eles não deveriam impor as regras deles dentro da aldeia, né? Eles vêm pra cá para falar sobre política muitas vezes”. A parente ainda explicou: “Aqui na aldeia se alguém chegar a ter um surto, a irmã vai chegar e dizer que tá endemoniada, que eu preciso de cristo, ela não vai dizer que eu tô doente”. Percebemos como a religião também tem interferido para destruir o nosso **Kanfgang Êg My Há**.

Outro problema é a colonização dos desejos. Nós temos vontade de ter coisas como os **fóg**, mas não podemos, por que não temos dinheiro, que não fazia parte da nossa cultura, pois a natureza nos dava tudo de graça. Historicamente, somos explorados. Tiraram nossa terra, que era nosso meio de sustento, nos obrigaram a vender nossa força de trabalho para os **fóg** em troca de mixarias. Então, nós, que antigamente não precisávamos dos **fóg** para viver, hoje, queremos ter as coisas que eles têm, somos iludidos pela ideia de que são os bens de consumo

que vão nos trazer felicidade. Mas, isso gera frustração entre pessoas do meu povo, porque não podemos, mesmo que queiramos, comprar as mesmas coisas que os **fóg** têm, por causa da desigualdade social. Então, isso reforça ainda mais o complexo de inferioridade, porque não sabemos que, se não podemos comprar essas coisas, é porque foram os **fóg** que nos roubaram tudo e às vezes não nos damos conta que eles é que fazem muito dinheiro em cima do nosso território, dos nossos antepassados queridos e dos nossos **jagrês**. Então, alguns de nós começam a sentir vergonha de ser indígenas, não queremos mais ser, queremos ser como os **fóg**. A vergonha também é uma doença espiritual provocada pelo mau contato, decorrente do racismo que estrutura a sociedade envolvente e a continuidade de lógicas coloniais. “Se algum de nós quiser trabalhar na cidade já não consegue serviço, só porque somos **kanhgág**, em compensação os **fóg** que vêm da cidade para cá são bem tratados. No dia do índio a mesa mais bonita é pros **fóg**, apesar que nós nem gostamos de sentar à mesa também (risos), gostamos mesmo é de sentar no chão, comer com a mão, se não a comida fica sem gosto”, comentou a **Kofá** Maria.

Acredito que essa doença da vergonha de ser diferente, viver uma cultura mais ligada à natureza e às divindades, nos afeta muito e provoca adoecimento. Mas entendo que os não-indígenas também sofrem, às vezes mais ainda porque não fazem parte de coletivos, pelo fato de terem sido transformados em escravos dos desejos de consumo que o capitalismo lhes impôs. Para nós, penso que nossos desejos estão sendo colonizados, sobretudo para quem mora em meio urbano. Resumindo, a invasão capitalista, o individualismo chega à aldeia, assim como suas consequências: o desmatamento, a poluição dos rios, mas também, as brigas entre nossas famílias, o desinteresse de muitos jovens pelos **kofá**, nossos educadores, aqueles que nos guiam por já terem vivido o suficiente para alertar dos perigos dessa estrada chamada vida. Ainda em conversa com a **Kofá** Teresa, ela comentou que “hoje nossos filhos estão ficando doente da cabeça, porque querem viver a vida do branco, mas nós nunca vamos conseguir dar a vida do branco pra eles”. Ela apontou também que antes: “Ninguém tinha televisão, nada dessas coisas, quem tinha um radinho a pilha tava muito faceiro”. A televisão hoje muitas vezes manipula nossa mente, tem provocado também uma desintegração dos nossos valores. Telenovelas, por exemplo, onde vemos a vida dos ricos com ama de casa negra ou indígena, os brancos protagonistas sempre, negros na servidão e indígenas quase nem aparecem e quando aparecem são tidos como selvagens, primitivos, coloca-se nossos costumes como estranhos. Nos noticiários a luta pelo nosso espaço sagrado somos chamados

de violentos, terrorista, televisão é o reflexo da sociedade ainda colonial, tu consome isso acaba incorporando e te enxergando da maneira que a televisão te representa.

O consumo do álcool é diretamente ligado a essas doenças espirituais e provoca violência, acrescentando o preconceito e as discriminações. O uso do álcool nas aldeias não é recente, é um processo que vem junto com a colonização. Em função disso, alguns autores da saúde indígena têm tratado como processos de alcoolização (De Souza, 2013). Historicamente, a entrada do álcool data da metade do século XIX nos primeiros aldeamentos Kaingang e se caracterizou em muitos locais da América Latina como um mecanismo de dominação e pacificação dos indígenas. Até hoje, nas plantações de uva, cebola e maçã, aqui no RS, vemos os Kaingang trabalhando e o álcool sendo utilizado como "incentivo" à produção. O álcool é uma ferramenta de dominação dos **fóg** que ajuda à reprodução do colonialismo e do capitalismo. “Nós indígenas não somos capitalistas, dinheiristas, eu sei que tudo vai se ajeitar, não vou ficar me matando para adquirir bens materiais. Eu sei que uma hora vai vir, um branco vai trabalhar enlouquecidamente, até comprar aquilo, vai ficar aborrecido enraivado até não conseguir comprar o que quer, se endividar para poder ter”, comentou comigo a **Kofá** Maria. Mesmo assim o centro das doenças espirituais dos **Kanhgág** está ligado à expansão do capitalismo colonial, que é alimentado pelo preconceito e pela discriminação étnico racial e atravessado pela superexploração do trabalho dos parentes.

2.2 “A ditadura do relógio”: A Universidade como espaço de reprodução das nossas doenças espirituais.

Minha mãe contou que na casa nós não tínhamos relógio, nem rádio, que o meu avô via pelo sol o horário, pela sombra, pelos **krîg**! “Hoje em dia tem pessoas que estão com dois telefones um em cada orelha”, diz ela rindo. “Depressão é esse aqui ó (se referindo ao telefone celular), nossos jovens não querem mais contar causos, só deitado mexendo no telefone, sempre brabos a gente nem entende porque, tudo através desse aqui, se a gente não souber usar ela é **kórég**, não sei o que é andar brabo. Antes nem sabíamos contar 123 aprendi depois de **kofá**, nosso relógio em casa era o nosso **kânhvég** (sombra, reflexo) hoje tá tudo mudado com esse negócio, começou pelo relógio”. O adoecimento dos indígenas com a universidade vem da existência de um “fuso horário” que é preciso seguir mesmo sem se estar

acostumado. Nós habitamos outra temporalidade: comemos e dormimos quando temos vontade. Aqui, na cidade, na selva de pedras, a carga horária é muito pesada e é preciso se adequar à universidade. É cobrada uma escrita formal acadêmica que nunca nos foi apresentada, com os professores dizendo que temos que ser igual a todos na academia. Além disso, há o afastamento dos familiares, ficamos longe de nossas famílias, dos nossos parentes, das nossas aldeias. Desistir da universidade pode ser pela “saúde mental” como se diz na universidade, mas na verdade é muito mais pela não adequação da universidade à presença indígena, somos obrigados a viver a vida do **fóg**, falar, escrever e se comportar como tal, pois não estão preparados ainda para receber nossa cultura, nossa dança, nosso canto, nossa alegria.

“Nossos jovens sofrem diariamente racismo, preconceito, alcoolismo e as drogas estão fazendo nossos jovens serem fracos, o trabalho de um psicólogo ajudaria muito a juventude as crianças para colocar, ensinar o caminho certo, como aqui não temos psicólogo, nossos jovens estão desorientados.” **Kofá** Delino- 76a

A universidade deveria ser um espaço que apoia e incentiva as diferenças, que aprende com elas. Em algum momento teremos voz, quando, por exemplo, houver a inserção na universidade, de nossos mais velhos em sala de aula como professores, pois esses têm uma sabedoria inigualável, mas, por não terem um pedaço de papel que se chama diploma, não podem estar passando seus saberes junto a nós na cidade grande. Ao contrário das aldeias onde temos um grande apreço pela sabedoria dos nossos **kofá**.

Nossos **kófa** têm um conhecimento pleno, uma forma diferente de se conectar com o mundo. Por exemplo, não existe o que os **fóg** chamam de hierarquia, um **kujá** (médico espiritual), um **kofá** (velhos sábios) ou até mesmo uma criança que não sabe caminhar são considerados como iguais, importantes e sabedores. Se alguém sabe, por exemplo, mais sobre determinadas coisas vai ser valorizado, mas não é por isso que ela ou ele são considerados como superiores aos outros. Existe algo que parece que a maioria dos **fóg** não tem ou esqueceram, chamado troca. Nossos **kofá** ensinam como enfrentar os obstáculos da vida, contam histórias reforçando o coletivo, suas lutas, suas resistências. Para que hoje eu, por exemplo, possa estar dentro da universidade, escrevendo sobre meu povo e para meu povo. **Kujá**, nosso médico espiritual, ensina como devemos trabalhar com nossos rituais, nossas ervas, nossa educação e medicina tradicional andam juntas, de mãos dadas. São passadas a todos para que possamos, juntos, ter o saber e a experiência.

Crianças são seres em formação, muitos de nós acreditamos que nossos filhos são reencarnação de entes queridos que voltam para nosso mundo. É muito comum que os **kujà**, ou mesmo os pais, coloquem nomes dos antepassados **kanhgág** nos recém-nascidos. Isso se manifesta através da fala das crianças, quando ela aprende que já habitou aquele espaço, ou mesmo quando ela tem as mesmas características físicas que seus antepassados, acreditamos que não partimos para sempre, morte é uma passagem, que voltamos de várias formas para trocas de conhecimentos de outros mundos.

As nossas crianças são felizes com o pouco que têm e que se torna muito quando compartilhado, brincando em grupo. Um dia me perguntaram em uma palestra que fiz sobre saúde indígena para os integrantes do CRAS São Leopoldo “o que poderia ser feito quando as mães estão com seus filhos pequenos sentados vendendo artesanato”, eu sorri e disse “nada”. E a moça me falou: “como nada, se muitas vezes eles estão descalços, com pouca roupa sentadinhos”? Eu respondi: “- Elas estão melhores que muitos, pois estão juntos de sua mãe, de seus familiares, no calor de sua família. Andar descalço não é um problema, ter pouca roupa não é um problema. Estão ali grudadinhos em sua mãe, ao contrário do mundo dos não indígenas que terceirizam o cuidado e a criação dos filhos para poder se inserir neste mundo de produção, para fazer sobreviver no capitalismo, onde se considera que levar o filho para o trabalho faria baixar a produtividade.”

Na aldeia não existe tédio, nosso coletivo sempre está animado, meninos e meninas brincam juntos, estilingue (chamamos de bodoque) jogando pedrinha, afiando lanças, jogando bola é diversão certa com risos, conversas de crianças daquelas que nos deixam com olhos cheios de lágrimas ao ver que ali tem um povo com muita resiliência, que luta por sua essência, seu **kanhgág êg my há**. É se impressionar ao ver crianças muito pequenas cuidando umas das outras, pulando corda com bebês no colo, por exemplo, sem medo do perigo, apenas vivendo. Não perdem o fôlego nem a destreza, não imagino como seria a vida dessas crianças fora do coletivo, trancafiadas em um apartamento. Uma coisa eu tenho certeza, não seriam tão felizes, saudáveis e fortes. Pensar a infância a partir da lógica universal significa violar os direitos das crianças indígenas e reduzir, ou mesmo anular, sua participação na constituição das relações sociais.

Saúde espiritual é uma troca de conhecimentos, no qual os profissionais de saúde devem entender o que os indígenas trazem: “não, hoje não estou bem, não quero falar” ou “hoje quero falar”. Nosso tempo é outro, o relógio é colonizador e mesmo assim temos que

segui-lo. Será? Talvez isso seja mais uma forma de tutela, não? Por que se adaptar com a vida do não indígena, se temos nosso próprio tempo e esse não nos adocece, mas sim nos fortalece? Ter saúde para nós indígenas é estar no território.

O esbulho e a despossessão/desterritorialização histórica dos **Kanhgág** do seu território é a principal causa de adoecimento espiritual, como, por exemplo, a morte como uma passagem, temos nossos umbigos enterrados em nossas terras, nossa comunidade, muitas vezes embaixo da escada da casa de nossas famílias para que possamos andar por todo esse mundão, mas que voltemos sempre para o seio de nosso território, mesmo que seja na morte, pois nossos corpos são enterrados em nossa aldeia de nascimento, mesmo estando longe, voltamos ao nosso seio sagrado da Mãe Terra.

2.2.3 As doenças espirituais e as demarcações de terras

A não demarcação das terras indígenas é um dos pontos que deixaram aldeias dizimadas, sem poder extrair suas ervas medicinais para a cura, suas comidas típicas, sua matéria-prima para a confecção de seu sustento. A Mãe Terra para nós não é mercadoria, ela é produção de vida, é um espírito que nos abraça. Nossos pés na terra significa que estamos vivos, nossos filhos comendo terra, significa que eles têm saúde. Nossa Mãe Água sendo poluída vai nos adoecendo espiritualmente e fisicamente, pois não podemos comer peixe que está contaminado. É ela que nos mata a sede, não apenas física, mas também espiritual, pois ela é fonte de nossa força. Quando nos sentimos cansados, tomamos banhos de rio e isso nos tira a impureza e nos dá ânimo para seguir em frente. Nossos alimentos sendo perdidos para os agrotóxicos nos deixam doentes. A **Kofá** Teresa me disse: - “Meu marido faz rezas para poder roçar, faz nos quatro cantos da roça, porque com os venenos das plantas as cobras estão cada vez mais venenosas”. E continuou: “Antes não se tinha remédio, os **kujá** que mexia com as ervas, tudo era fóia do mato, para curar nós, hoje as comidas já vêm envenenada e querem que nós só tome remédio do postinho”. Nossa fauna e flora morrem junto, sem elas somos apenas carne, nosso espiritual vai embora junto daqueles que cuidamos e amamos com tanto carinho e cuidado. O modo de vida indígena nos dá o que os fôg chamam de “melhor qualidade de vida”.

Todos os povos indígenas sofreram violações de direitos, sua história é marcada por violências, perseguições por parte de pessoas que querem suas terras para produção,

assassinatos de lideranças como o **Põ'i-bang** (Cacique) Angelo Kretã, morto em uma emboscada, um dos principais articuladores do movimento pela retomada das terras indígenas no sul do Brasil na década de 1970. Kaingang da TI Mangueirinha que tem sido o primeiro vereador indígena eleito do país, em 1976, ele abriu a possibilidade de que outros indígenas participassem das disputas eleitorais. Vitor Pinto kaingang, da aldeia Condá, de apenas dois anos de idade, estava no colo de sua mãe na semana do natal vendendo artesanato na rodoviária de Imbituba-SC e foi degolado por ser indígena. Nosso pequeno guerreiro estava sendo amamentado na hora do crime. Sua mãe sentada no chão de uma calçada fria na esperança de vender seus artesanatos e voltar para comprar alimentos para família: “O rapaz se abaixou e fez um carinho no rosto do menino. Disse que era um menino lindo. Logo a mãe pensou que iam ganhar alguma coisa, um presente. Segundos depois ele passou a navalha na garganta do menino e saiu correndo”. Esse foi o relato da mãe de Vitor Pinto.

O racismo foi colocado desde sempre para tirar as terras indígenas para exterminar os indígenas e usar as terras como mercadoria. Para cumprir esse papel foi necessário nos transformar em seres não humanos, selvagens, sem alma, etc e que isso se reflete nesses tipos de atos hoje, de degolamento de crianças indígenas. Quantas crianças brancas foram degoladas nos últimos 50 anos nas ruas do sul do Brasil? A sociedade nos enxerga como perigo ou com nojo e isso é utilizado como uma estratégia para tirar nossas riquezas.

A incerteza das demarcações de nossas terras é algo que nos adocece espiritualmente, e ao contrário disso, a demarcação de terras possibilita nossa saúde espiritual, pois o território é sagrado para nossos coletivos, é a forma de manter a saúde espiritual. Hoje os povos indígenas lutam pela demarcação de território sim, território que é sagrado, é espírito, é vida, mas o branco trata a Mãe Terra como objeto e busca enriquecer às custas da sua exploração até a exaustão. A mesma produz tanto, mas tanto que já sem força chora e nossa alma chora junto. Isso nos causa adoecimento espiritual, nossa Mãe Terra pedindo por socorro e muitas vezes não conseguimos ajudar. O agronegócio simplesmente mata o espírito da Mãe Terra, ele a sufoca como tanto veneno, até que ela não produz mais, sem serventia, enquanto para o povo **kanhgág** ela vai morrendo aos poucos. Pisar junto da Mãe Terra é estar em seus ombros, ela nos fortalece, nos dá imunidade a doenças, pedimos permissão a ela para produzir nossos alimentos e a mesma nos responde dando fartura e alimentos para sobrevivência. Hoje Nossa Mãe já não produz como deveria. O agrotóxico aqui chegou poluindo nossos rios, contaminando nossas comidas, deixando nossa sobrevivência ameaçada. “Aquela época,

nossos poços eram água gelada, hoje em dia estão estragando nossas águas com esse secante que passa nas plantações” disse a **Kofá** Maria, minha mãe. Muitos **kanhgág** buscam fora da aldeia seu sustento.

O preconceito está presente diariamente na vida do meu povo: emprego só aquele o braçal, que exige muita força física e que paga o mínimo possível. Afinal, o indígena não pode ter os privilégios do **fóg**, mesmo a aldeia sendo maior do estado do Rio Grande do Sul que o município, dificilmente conseguimos emprego na cidade. Empregos para os homens **kanhgág** são os mais sofridos, frigoríficos contratam, mas deixam o trabalho mais pesado para eles, mais de 14h de trabalho, onde a remuneração é pouca e a dor física e psíquica é enorme, pulsos estourados, dores nas pernas e costas são normais. O médico da firma apenas receita analgésico, dopando-os para que voltem a trabalhar, sem nunca serem promovidos, isso é impensável pelos donos da empresa, pois indígena é sempre tratado como menos humano que os não indígenas, há superexploração de sua mão de obra. Quando não aguentam mais são descartados, muitos sem direito nenhum, pois a tortura é tanta que muitos pedem as contas para saírem.

Ouvimos tantas coisas ruins sobre nós: “índio não sabe falar direito”, “índio cheira mal”, “índio é vagabundo”, entre tantas, oriundas do imaginário colonial. Nós falamos direito sim, pois falamos com a nossa honestidade e simplicidade, e hoje temos doutores **kanhgág**. A gente sempre diz que indígena não cheira mal, pois não esqueça que quem ensinou **fóg** a tomar banho foram os indígenas. Indígena não é vagabundo, simplesmente respeita a terra, seu tempo, seus ciclos e sua produção e o **fóg** só vai entender quando a natureza não mais produzir alimentos, ar, água e o ser humano for extinto, já está sob essa ameaça, a pandemia é somente um sinal.

3. Por uma Psicologia Kanhgág Decolonizadora

3.1 Como os saberes kanhgág ajudam a Psicologia

DSM V é considerado indispensável para diagnóstico de transtornos mentais, mas acredito que a essa altura da escrita podemos também ter a interpretação de sintomas de outra forma, assim como a forma de cura dos sintomas por meio de rituais, ervas medicinais. O que quero dizer é que a interpretação do sofrimento de uma pessoa e o reconhecimento dos sinais

de uma doença também são um processo cultural. E cada cultura tem um conhecimento próprio para identificar os sinais e sintomas de uma doença, para fazer a classificação de doença, para encontrar as causas e para explicar o que pode acontecer com a pessoa. De modo geral, o processo de identificação e diagnóstico de uma doença é coletivo e se inicia no contexto familiar. Muitas vezes, o problema de uma pessoa afeta a vida de toda a coletividade, algumas vezes afeta a vida de toda a aldeia. Neste caso, é muito comum que façam um grande ritual para acalmar os espíritos. Dependendo do problema que a pessoa tem, pode ser realizado um ritual para os espíritos da mata, das águas, Mãe Terra etc. O **kujá**, por exemplo, usa a força dos seus ancestrais como modo de saúde, não o diagnóstico da doença, mas tem como base para uma saúde o respeito às florestas, aos animais, o reconhecimento da presença de seres espirituais, as nascentes, rios limpos. O espírito saudável é um corpo sadio.

“Nós não tinha luz, nem vela muitas vezes, nos sentava lá fora, ficava olhando as estrelas eu e meu pai ficava contando as estrelas, meu pai dizia nenê olha lá aquela estrela tá caminhando, se entretia assim, não me sentia na escuridão, os céus nos iluminavam, não se tinha essa tristeza, meu fogão era fogo de chão, bem no meio da casa, nas épocas de muito frio, dormíamos todos ali ao redor”.

Kofá Maria

Nossa medicina tradicional é a essência da vida dos **kanhgág**, nossos médicos espirituais da aldeia **kanhgág** Nonoai, hoje são Jorge **Kagnân** Garcia, seu filho Pedrinho. São **kujás** diferentes entre si, cada um aciona a parte da natureza que se sente melhor acolhido, plantas animais por exemplo, podem ser tanto metade **kamê** como **kairu**, mas os que mais a Mãe Terra chama para preparar são os **kairu**. Não se diferencia entre homem ou mulher, ambos podem ser chamados pelos **jâgrés**. Os **vénh kagtá**¹³ foi **Tupê** que deixou nas florestas para serem usados para se ter saúde, na mata fechada ou na beira do **goj kusa**¹⁴, pois a água limpa e pura purifica aqueles que creem e pedem licença a Mãe Água. Esse médico deveria estar junto dos médicos ocidentais, em diálogo, curando e levando a medicina tradicional para dentro de hospitais que necessitam de cura espiritual, não apenas físico. “Vivi minha infância muito bem, trabalhando com meus pais plantando, brincando trepado nas árvores passando de galho em galho, comia comida sem veneno, não tomava remédio dos postinhos, não tenho

¹³ Remédios do mato.

¹⁴ Nascentes de água fria.

estudo, mas de uma coisa eu tenho certeza, minha infância foi tão boa que hoje aos 87 anos ainda trabalho na roça, vou caçar e me sinto firme, forte! Se precisar de remédio vou na mata e colher minhas ervas, nem quero conhecer essa tal farmácia que me mandam buscar remédio, tentaram fazer injeção da gripe em mim há um tempo atrás (risos) mas a agulha não entrou no meu coro, quebrou”, me contou rindo o **Kofá Júlio**.”

“Nossos velhos dizem: - *Você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde você vai.* Isso não é importante só para a pessoa do indivíduo, é importante para o coletivo”.

Ailton Krenak (2019)

Desta forma, passo a descrever alguns rituais presentes na minha cultura para tornar mais compreensível a necessidade de considerar nossa medicina tradicional na psicologia. Alerto que depois de passar por um ritual com o **kujá** devemos seguir uma dieta, essa a qual descarta totalmente as comidas do **fóg**, apenas seguindo nossas comidas típicas, fogo, fumaça, cinza, água são ingredientes indispensáveis. Peixe assado na taquara (**krakufār kénpu**), bolo assado na taquara (**êmi kénpu**), **kumi** (folha da mandioca brava) são alguns alimentos usados após o ritual, uma pequena parte da culinária **kanhgág** que faz parte da nossa medicina tradicional. Minha mãe, a **Kofá Maria**, falou que no passado “não tinha fogão, não tinha nada dentro de casa né, vivia com fogo de chão e a gente era feliz, não se tinha uma geladeira, matava porco e colocava direto na banha”.

Kikikói (ritual do **kiki**) é o ritual dos mortos. Os rezadores rezam nos quatro cantos do espaço onde será feito o **kikikói**, tochas são acesas nos quatro cantos do local com ervas tradicionais, duas tochas são acessas na forma de bloqueio espiritual para que os **kujás** se preparem. Essas duas tochas simbolizam as duas metades, **kamé/kairu**. Na data do evento as quatro tochas são acesas, sempre representando as metades, o local deve estar bem preparado, pois ali virá espíritos de vários espaços mesmo os não chamados. As duas metades **kamê** e **kairu** separadamente banham suas metades contrárias, ou seja, **kairu** banha **kamê** e vice versa. O banho é uma homenagem aos mortos, a família solicita o ritual e os **kujás**, as parteiras, os **kofás** da aldeia preparam-se em espírito, colhem as ervas que serão usadas no ritual. Também se usa o **kiki** para nomear aqueles que ainda não têm nomes tradicionais, seguindo as marcas. À noite, em volta de uma fogueira, com cantos e danças, pinturas com carvão da fogueira e água são feitas para proteger os participantes. **Konkéi** (cocho) é uma

concha benzida da árvore mais forte e mais dura da mata, todos ficam ao seu redor, batidas de **sygsy**¹⁵ são cantados, seu som traz calma, como se fosse uma preparação, todos juntos, pois nesse momento é perigoso se distanciar do grupo. Por isso, nos rituais os **kujà** vão na frente, porque sem-terra não temos saúde. Além do poder de cura, os **kujà** têm a capacidade de ver além do presente, ver como será a vida daqueles que compõem o grupo. Ao amanhecer, quando **râ** (sol) nasce, todos se juntam, todas as metades, pois juntas se complementam, já com as cruzeiras dos mortos benzidas pelos rezadores, seguem para o cemitério, chegando lá primeiro **kamê** finca a cruz no túmulo, depois kairu, rezas e danças no local seguidas do **sygsy** sagrado em rituais. Na saída os **kamê** saem na frente como manda o ritual, os **kairu** os seguem. Ramos são colhidos no caminho como forma de enfeite, chegando ao local, sagrados cantos, danças e rezas em volta da fogueira, **kiki**¹⁶ é servida a todos a bebida que simboliza a morte, por isso que quando ingerida faz os vivos se sentirem tão fortes quanto os mortos, depois que todos bebem da bebida da alma dos mortos, **konkéi** é virado para baixo e assim se encerra o culto dos mortos.

Ritual do viúvo, esse ritual é feito pelo meu povo durante o ato fúnebre a após o sepultamento. Meu povo tem suas casas de madeira como as do **fóg** e tem suas casas tradicionais feitas de pau a pique e chão batido, cobertas com capim duro, é nessas casas tradicionais que quando um parente encerra seu ciclo na comunidade é colocado para se fazer as homenagens, os **pêj** (tem as duas marcas kaingang) homens e mulheres que são preparados para esse fim, somente esses têm autorização de organizar o corpo para o funeral. Os **pã`î sí**¹⁷ avisam a comunidade do falecimento, casa por casa, enquanto isso, a viúva se posiciona embaixo da mesa onde o corpo do falecido está sendo colocado, fala-se em voz alta com a viúva, **pêj** cobre o rosto da viúva, pois ela está impura, não pode olhar nos olhos das pessoas. Nós acreditamos que se ela olha nos olhos de alguém essa pessoa pode ficar doente a ponto de morrer. É feito um lenço com a parte de dentro dos panos do caixão ou uma roupa do falecido preta, colocado em seu pescoço para mostrar seu luto. Ela fica ao lado do caixão e só sai com autorização dos **pêj**.

¹⁵ Chocalhos feitos de porongo com milho dentro, instrumento de luta, chamar os deuses ou divindades nos cantos e danças religiosas das aldeias.

¹⁶ Bebida fermentada feita de ervas tradicionais.

¹⁷ Homens que o cacique escolhe para lhe ajudarem quando for solicitado.

Uma fogueira é feita, o tempo vai passando, seus **kênke**, seus **rêgrê**, falam de suas lembranças, suas caças, suas guerras. Quando amanhece, os **pêj** medem o caixão, fazem a cova com sete metros de profundidade. É servida comida àqueles que ali amanhecem rezando e cantando ao redor do caixão, os parentes fazem as últimas homenagens. A viúva é então descoberta para dar seu adeus ao seu companheiro de vida, mas mesmo assim não pode olhar nos olhos das pessoas. Corta-se um pedaço do cabelo da viúva e coloca-se nos pés do caixão. Isso é feito para ele ir em paz e não voltar para a casa e dizem a seguinte frase “vamos, agora vamos te levar para onde você quis ir”. Os **pêj** levam o falecido para o **vênhkej** (cemitério) para o sepultamento e a viúva permanece para que seja feito seu ritual de purificação. Os **pêj** levam a viúva para mata, se é construída uma cabana com capim, próximo do **goj jâhkri** (água corrente e limpa) para que ela fique na mata densa sozinha, longe dos olhos da comunidade. Ela é banhada quantas vezes forem necessárias em água corrente para que se purifique, ervas medicinais, chás, comidas apenas as típicas, sendo que **kamê** come comidas mais secas, **kairu** comidas mais umidificadas. Na noite na mata, pedindo que o **vênh kuprîg** (espírito do morto) siga para seu destino e deixa para trás sua vida carnal. Quando o ritual termina a viúva está livre para casar novamente, caso seja de sua vontade. Se o **vênh kuprîg** for da marca **kamê** o tempo do ritual será maior, pois acreditamos que os **kamês** são mais fortes e seu cheiro na viúva permanecerá por mais tempo. A viúva terá que conversar com as ervas pedindo que nem em sonho ele volte. “Se a viúva vem sonhando muito com ele (marido) tem que fazer um travesseiro de **kuprer** (alfavaca). Se mais alguém da família sonha, pode fazer travesseiro pra todos, até pras criança. Assim tá protegido” (DE ALMEIDA OLIVEIRA, 1996, p. 127). Acreditamos que um **vênh kuprîg** tem a força de bagunçar toda uma casa, objetos podem ser quebrados, a casa pode ficar cercada com algum tipo de mal, caso ele decida permanecer, até mesmo pode levar sua família para a morte. Uma vassoura com as ervas que foram usadas nos rituais na mata é feita para que se o **vênh kuprîg** vir rodear a casa, sinta o cheiro do remédio e não o de sua esposa. O último passo do ritual é a viúva abraçar uma **ka** (árvore), chamada **karugmág**, essa secará como se a viúva tivesse transmitido a ela um veneno. Depois de um ano a viúva está livre para outros relacionamentos.

Os povos indígenas costumam ver as coisas de forma mais ampla e coletiva e sempre consideram todo o ambiente, o sobrenatural e a natureza na explicação de tudo, inclusive dos problemas de saúde. Nas práticas para cuidar da saúde entre nós é muito comum lidar com os

espíritos através do uso de plantas, cantos. Muitas etnias desenvolveram um amplo conhecimento sobre as ervas medicinais e como utilizá-las na cura.

Desde a barriga da mãe vivemos o mundo de nossos pais. Ainda na barriga, somos ensinados o quanto é importante o respeito com a natureza e com tudo o que ela nos fornece. Ao entrar na mata, pedimos permissão aos **jagrês** que ali estão, eles irão decidir se você irá mata adentro. Exemplos de quando não somos autorizados: cheiros de bichos peçonhentos, espinhos que nos arranham, madeiras que batem em nossos corpos como se nos expulsassem daquele lugar.

Sofremos castigos quando não seguimos os preceitos da Mãe Terra: nossas caças fogem, não encontramos matéria prima para nossas comidas típicas e ainda podemos ser atacados por animais que ali residem. Ao contrário de quando somos abençoados, a mata nos dá praticamente nas mãos o que solicitamos de entrada na mata. Por exemplo, a matéria prima quando abençoada, faz com que vendamos muito rápido nossas cestarias, uma forma de troca entre Mãe Terra e nós indígenas.

Conto essas histórias para mostrar que nossos conhecimentos já vêm desde antes de nascermos e quando falamos em “constituição do sujeito”, nossa forma é outra, mesmo com o mundo não indígena nos cercando. Uma questão importante na psicologia do desenvolvimento humano é que aprendemos características da fase que chamam de adolescência, mas nós não temos essa fase, pois passamos da infância para sermos jovens adultos.

Trazer uma Psicologia **Kanhgág**, para reflexão é pensar levar um indígena em sofrimento para a mata, para a vida, para o leve e não para um consultório entre quatro paredes, o que lhe trará ainda mais sofrimento. Quem já sentiu o cheiro da chuva molhando a terra, o cheiro da mata e a leve brisa do amanhecer? É o cheiro de vida, daqueles que fazem sentir-se vivo, dá até vontade de dançar. Se for em volta de uma fogueira melhor ainda. Comer uma fruta recém tirada do pé, deitar ao relento e admirar o quanto a luz de **kysâ** (lua) é poderosa, seu brilho tem o poder de encantar. Psicologia **Kanhgág** é aquela que busca não tratar da dor e sim não se deixar adoecer. Meu povo guerreiro sobreviveu, e ainda sofre, com os processos de colonização e as inúmeras tentativas de extermínio ao longo de mais de 5 séculos. Nosso sangue é a terra e a terra tem cheiro de urucum e gosto de jenipapo. Salve povo guerreiro, salve os povos indígenas, salve os **kanhgág!** Meu povo sempre foi guerreiro, luta todos os dias não só para seu povo, o povo branco também irá padecer quando aqui não

tiver mais indígenas, pois o céu irá desabar como bem avisou o parente xamã yanomami Davi Kopenawa (Kopenawa e Albert, 2019).

3.2 Experiência na clínica de atendimento psicológico:

O Estágio Básico em Psicologia Clínica é dividido em duas etapas: reunião de equipe, supervisão realizada às segundas-feiras no horário de 18:30h às 21:30h e nas quartas-feiras acontece atendimento, das 18:30 às 22:00. As EIS (entrevistas iniciais) acontecem a cada trinta dias e fecha trinta para atendimento. Esse estágio fornece ao aluno o primeiro contato com o paciente, podendo ouvir suas queixas e começar a trabalhar com uma primeira escuta, para perceber e posteriormente relatar as demandas do paciente. Esta primeira entrevista também é muito importante para o paciente, tendo assim um primeiro acolhimento. A oportunidade de conhecer um pouco mais a rotina do processo de triagem me ajudou a compreender o quão importante se faz o processo das entrevistas iniciais na clínica de atendimento psicológico.

Meu estágio básico foi todo feito na clínica de atendimento psicológico na UFRGS, onde ser conservador é de praxe, onde regras são colocadas e não podem ser questionadas: café da máquina é apenas para os terapeutas, café passado para porteiros e estagiários. Meus colegas afirmavam que apenas os melhores passavam pela clínica, que dali saíam os melhores psicólogos da universidade, então pensei, porque não!? Eu sabia do meu potencial e que podia levar a psicologia **kanhgág** para dentro, como forma de mostrar que ali eu existo e resisto. Com as mãos trêmulas, garganta engasgando de tanto pavor, por tudo que me diziam sobre ela, fiz a entrevista, passei por todas as fases. Sabia que não seria fácil, mas sabia também que nada na universidade tinha sido fácil para mim. Meu trabalho estava sendo bem aceito, supervisões coletivas, supervisão com terapeuta, até aí tudo indo, pois meu filho estava com o pai na aldeia. Tímida em minhas iniciativas e pouco confiante, fui à luta, pois sou guerreira, sou **kamê**, sou **kanhgág**. Durante quase todas as supervisões, discutimos relatos de casos descritos por diferentes estagiários e realizamos debates, estudos e correções dos respectivos relatos. O início do estágio foi em 2017 e meu trabalho na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS ali se dava entre observação e triagem. Fui apresentada a Luiz Stault que seria meu supervisor pelo tempo que eu iria permanecer no local. Primeiro chegou até a clínica, meu colega chega primeiro que eu, escolhe seu local e sugere que como sou mãe,

mulher eu deveria ficar na sala de espera, pois eu teria mais paciência com as crianças que aguardavam as mães em atendimento. Em um primeiro momento me deixou triste, pois mais uma vez estava tendo uma voz que falava por mim. Com o passar dos tempos ali foi o local onde eu mais queria estar, era na sala de espera onde dava mais sentido e experiência para meu estágio.

Lembro-me de um dia que pensei: “hoje vou chegar mais cedo e vou ficar com a prancheta, quero também ter a experiência de atender as pessoas que chegam, auxiliar, etc”. Foi um dos dias mais longos do meu estágio, não tinha nada interessante, ninguém para conversar, apenas informações de espera de terapeutas, o mais triste era dizer que não teria mais vaga para aquele dia. Neste dia chega um senhor com o semblante cansado, diz que não aguenta mais viver, que precisa de ajuda, implora para que alguém o atenda. Fala com a voz trêmula, com uma sacola de mercado nas mãos. Em seguida procurei José que era o coordenador daquele turno e resolvi atender, dar uma primeira escuta. Isso me deixava com o coração na mão, como pode as pessoas na cidade grande viver com tamanhos adoecimentos? Depois desta primeira escuta, o senhor nunca mais voltou, por muitas quartas-feiras o esperei, mas não apareceu pelo menos no tempo em que estive na clínica. Na aldeia o tempo é diferente e se o **kujá** está nos tratando vai a nossa procura caso não volte, procura nossas famílias, começa por ali o atendimento.

Observações eram algo que me encantava, ver tantas coisas que não eram comuns a mim, na minha comunidade. Aqui na selva de pedras me deparava com inquietações que até hoje me tiram o sono quando lembro. Dentre as ferramentas que podem ser utilizadas para a realização de Avaliação Psicológica, a observação é uma delas. Parece simples, mas é necessário um treino para transformar o que você vê em um comportamento passível de análise. Observação é analisar, enxergar e pesquisar de forma cautelosa, no estágio básico observamos as entrevistas iniciais juntos dos terapeutas.

Relato de caso 1:

Minha primeira observação foi realizada com uma jovem de 32 anos cuja queixa girava em torno de problemas familiares. A paciente procurou atendimento por ter constantes brigas com o companheiro e acreditar que ela precisava terminar a relação, mas não conseguia. Segundo ela, apesar dele afirmar que a ama constantemente, não consegue deixar de sua mulher e ficar somente com ela. Foi abusada sexualmente por uma pessoa mais velha

quando criança, hoje se apaixonou por homens casados e mais velhos. Durante algum tempo a paciente ficou mais calada, mais fechada, todo o tempo a paciente me pareceu bem transtornada e chorava muito como se quisesse explicar todo o problema pelo qual estava passando no momento em apenas uma sessão.

Acredito que este caso foi bastante enriquecedor para mim. Consegui ver que a paciente que entrou na sala bem envergonhada e calada relatando sua queixa principal, inclusive falando sobre dados de sua vida sexual, o que para ela me parecia bastante constrangedor e difícil. Às vezes me perguntava se estava seguindo corretamente minha função como estagiária, medo de falar demais ou de menos, era algo novo para mim, pois na comunidade dificilmente tem esses casos, quase impossível os pais indígenas autorizarem um casamento com homens mais velhos, pelo medo de que suas filhas sofram, então quando nos casamos, somos praticamente da mesma idade, 15-16 anos e é normal os casamentos aceitos pelas famílias, tendo supervisão dos mesmos e dos **kofás**.

Relato de caso 2:

Paciente do sexo feminino, 30 anos, destro, natural e residente em Porto Alegre, RS, casada, católica, segundo grau completo, atendente de caixa de supermercado. A paciente foi encaminhada ao Hospital de Clínicas de POA no dia 6 de fevereiro, não lembrava de nenhum fato relacionado à sua biografia, medicada volta a sua casa. Apresentava dificuldades na compreensão de palavras, nomeação de objetos e atribuição de função a estes, além de não lembrar do filho de 6 meses e da sua família. A paciente chega a Clínica de Atendimento Psicológico UFRGS, no dia 10 de março, medicada e mais calma relata a dificuldade de lembrar de seus familiares, especialmente de seu filho, chora muito neste momento, “o que me deixa mais triste é não lembrar do meu pequeno, esqueço muitas vezes que sou mãe, que tenho que amamentar, já esqueci dele até na creche, não sei mais o que fazer, tenho vontade de morrer, meu marido faz tudo sozinho, minha mãe também”.

Estando como observadora apenas escuto e anoto seus relatos, mas meu coração estava palpitante, eu não conseguia desviar o olhar da mesma que se encontrava destruída naquele instante. Segundo o marido e familiares, antes desse quadro não houve mudança do comportamento da paciente ou quaisquer conflitos pessoais ou fatores estressantes. A paciente apresentou episódio único de perda de consciência aos 15 anos, sem relato de trauma, na família não havia história de doenças psiquiátricas ou neurológicas. No seguimento, a

paciente dizia não se lembrar de qualquer fato ocorrido no dia anterior, mantendo dificuldades na compreensão e no uso de palavras (queixo duro), no reconhecimento e na utilização.

A amnésia pode ser definida como um estado mental patológico em que a memória e o aprendizado estão afetados em proporções maiores que as demais funções cognitivas em um paciente sem alteração do nível de consciência. Conforme a literatura, uma síndrome amnésica clássica caracteriza-se por evidente prejuízo da memória anterógrada, variável e temporária amnésia retrógrada, sendo as formas não-declarativas da memória poupadas.

Na segunda sessão, lá estava ela, com o mesmo brilho no olhar, brilho que parecia estar confuso. A mesma é chamada para atendimento, próxima da porta estava eu conversando com outra paciente, a mesma olha para mim já na porta da sala de atendimento, para minha surpresa ela diz “você não vai me atender” naquele momento eu sorri, os olhares mais uma vez ficam fixos um no outro, meu coração bate mais forte, de alguma forma a paciente lembrou da minha face. Houve uma transferência naquele momento em que observava, a transferência ocorre quando uma pessoa toma as percepções e expectativas de uma pessoa e as projeta em outra pessoa. Ela, então, interage com a outra pessoa como se a outra pessoa fosse o padrão transferido. Cura pela palavra, cura pelo amor, muito necessário todo este amor, vivências de amor, fortalece o espírito que protege das doenças, uma blindagem necessária toda esta proteção!

A paciente passou a mostrar-se preocupada com a perda de memória, tentando aprender tudo o que lhe era comentado. Progressivamente, começou a lembrar-se de alguns fatos, especialmente eventos isolados da infância. Eu poderia trazer inúmeros casos, mas estes até hoje lembro dos detalhes que enriquecem cada vez mais minha trajetória, fatos que jamais sairão de minha memória em especial o segundo caso, creio que meu espírito, entrou em contato com a paciente, um olhar que não tem explicação, apenas é sentido, vivido, poderíamos chamar de psicologia espiritual, ou experiência espiritual, não sei direito. Só uma coisa tenho certeza, não precisou de palavras para que a paciente lembrasse de mim, apenas um olhar carinhoso, sem pressa, sem prancheta, sem anotações, apenas um olhar.

Tudo era novidade, a sala de espera sempre me surpreende, cada mãe diferente da outra, umas com muitos cuidados com os filhos, outras nem tanto, mães sobrecarregadas que ali chegavam quase sem chão, em um simples “olá, tudo bem?”, falaram tudo sobre sua vida, ali me tornava a escuta que tanto precisavam. Tantas escutas naquele local, mães que precisavam muito mais de atendimento do que seus próprios filhos, eu estava ali toda ouvidos

e tentava orientar. Receosa como sempre de chamarem minha atenção pela forma distinta de acompanhar as situações, todas as quartas ali que eu queria estar, ali me sentia útil com aquelas mães, ouvindo suas vivências, enquanto seus filhos não estavam por perto. Importante salientar que essa identificação se dava no momento de minha vida no qual também estava vulnerável, pois meu pequeno **kafág** não estava comigo, por vários motivos, desde moradia, até carga horária elevada na universidade, havia espaço deixado na aldeia com minha família e a distância dele me fazia sofrer.

Na Clínica temos que realizar e apresentar um trabalho escrito para todos, eu estava sem chão, pois para nós mães indígenas e como se arrancasse um pedaço de nós, como se a vida não fizesse sentido, quando nossos filhos não estão ao nosso redor, começo minha escrita mais ou menos assim:

A experiência da universidade foi a primeira fora da minha aldeia, sem acompanhamento nenhum me sentindo excluída em todos os lugares da universidade sentia que meu mundo iria desabar, que não aguentaria toda pressão. Sem saber qual ônibus pegar ou mesmo qual seria o campus onde iria estudar, e assim foram se vencendo cada batalha uma a uma.

Meus professores falavam em Lacan, Freud, Jung, Foucault, etc. e eu me perguntava o que estou fazendo aqui. Matérias que eu nunca vi e meus professores mais uma vez afirmavam: “isso vocês viram no cursinho”, “viram no ensino médio” e eu mais uma vez me perguntava, que cursinho é este que nunca vi, ensino médio, será que faltei tantas aulas assim, quando tínhamos trabalhos em grupo, eu sempre era deixada de lado. E as batalhas eram contínuas, cada dia parecia que tudo estava ficando mais difícil.

Quando passei no vestibular e descobri uma gravidez inesperada, fiquei feliz e ao mesmo tempo apreensiva, pois sabia que as dificuldades com uma criança seriam maiores ainda. Meu filho nasceu e neste momento eu residia na casa do estudante onde era proibida a permanência com o mesmo. Mais uma vez fiquei sem saída e saí da casa, sem ajuda, sem uma orientação, fui morar na Restinga onde fiquei dois anos. Não estava mais conseguindo pagar aluguel, pois vivia com uma bolsa de 900 reais. Decidi, então, deixá-lo com minha mãe na comunidade. A saudade é grande, muitas vezes choro escondida para que ninguém veja meu sofrimento.

Uma luta cuja sequência de batalhas se estende ao longo de toda a graduação, onde o choque cultural, carências acumuladas desde o ensino básico e o alto custo de vida fora da

aldeia, são adversários que muitas vezes vencem o sonho do diploma. O acesso está mais facilitado, mas a permanência ainda é um desafio. Sair da aldeia em busca de capacitação tem um objetivo maior de reunir conhecimento, voltar para meu povo e ajudar a comunidade. Por isso, mesmo com todas as dificuldades, erguia a cabeça e pensava: amanhã vai ser melhor. E tivemos a ideia de criar um grupo nosso de acolhimento aos indígenas e passamos a fazer seminários em todos os cursos que nos dão oportunidade de falar da nossa cultura. Depois disso, meus colegas me veem com outros olhos, tenho muitos amigos e não me sinto mais excluída. Pelo contrário, levo nas supervisões de estágio um pouco do meu bem viver **Kanhgág**, até mesmo na sala de espera, levo isso como um incentivo para que todos busquem seus sonhos, incentivada sempre pela nossa, não só coordenadora do grupo GAIN (grupo de acolhimento indígena) Rosa Castilhos, mas pela mãezona que estava ali para todos os momentos.

Eu neste momento chorava muito, meu coração estava partido, estava em um lugar onde meu olhar para com a natureza e minha cultura não era levado a sério, e eu estava deixando meu bem mais precioso longe, para conseguir um título, um pedaço de papel que não me dará mais o tempo perdido com meu pequeno **kafág**. Depois de alguns segundos de meu trabalho apresentado, eu olho ao redor muitas pessoas chorando. Meu trabalho foi aplaudido de pé e por alguns instantes minha dor passa, pois ali tinha calor humano comigo, pelo menos uma vez. Vivemos de energia cosmológica, apenas não percebemos, mas tudo ao nosso redor é energia, seja ela positiva ou não.

Em dezembro, depois das provas finais, sempre volto para a aldeia, mas neste ano de estágio básico, não pude voltar, pois meu contrato iria até o final de janeiro. Então, peço para que me tragam meu bem mais precioso, meu **kafág**. Às segundas-feiras às 18h havia uma reunião com toda a equipe e não se podia faltar, pelo menos era o que eu ouvia nos corredores. Não achei problema em levar meu filho nas reuniões que eram feitas com toda a equipe, pois meu guerreiro já estava acostumado, com telefone ficava assistindo seus desenhos até que eu pudesse fazer meu trabalho. Entramos para a reunião, quase invisíveis, sentamos organizei o fone de ouvido, desenho para que ele pudesse se ocupar e eu me fizesse presente. A reunião começa e todos tão focados e institucionalizados não percebem o pequeno na reunião. **Kafág** está com fone de ouvidos e vê desenhos no telefone, quando ele, de repente, fala em voz alta: MÃE... Os olhares se voltam para nós, “como assim, tem uma criança aqui” escuto ao redor, eu sorrio sem jeito, envergonhada talvez, pois naquele

momento eu era o comentário da clínica, já não eram mais as brigas pelo café. Reunião segue, ao final da mesma o coordenador da clínica me segue quando saio e pede para conversarmos. Minhas mãos gelaram, mas eu sempre fui à luta e não seria neste momento que iria desistir. Então, ele pede que eu não leve mais meu pequeno nas reuniões, alegando que ali tem falas muito pesadas para uma criança, que preferia que eu ficasse com meu filho em casa, caso tivesse que ir à clínica com ele novamente.

Me perguntei: como pode aqui as pessoas esconderem coisas de seus filhos? Eu não vivo assim, meus pais me levaram a vida toda em todos os lugares aonde eles iam, no meu território não escondemos nada de nossos filhos. Eles conhecem desde cedo a realidade da luta que é ser indígena e nossos filhos não se tornam problemáticos e sim homens e mulheres prontos para guerra. Minha mãe criou três filhos dentro de sala de aula junto de seus alunos, meu pai nos levava para roça, plantava, colhia, mas estamos ali junto de nossa família, cercados de amor, por mais difícil que fosse a vida em nossos territórios. Nossas mães nos levam amarrados em um pano, dentro de cestos quando não conseguem mais nos carregar no colo. Quando já grandinhos caminham ao nosso lado, enfrentando perigos, ouvindo histórias as mais diversas, aprendendo a viver, e não são crianças problemáticas. Entram na mata, colhem ervas medicinais, comidas típicas, a força é conjunta, mãe e filho são inseparáveis. Nunca imaginei que meu filho pudesse importunar em uma simples reunião. Mas, como foi solicitado, eu pensei, repensei, mas não dei ouvidos e meu filho participou de reuniões, sala de espera, no meu estágio. As crianças da sala de espera adoravam a troca, as brincadeiras com meu pequeno **Kafág**. Mas minha teimosia teve resultado e consequências e, no fim de meu estágio, o mesmo coordenador veio me pedir desculpas, dizendo que eu estava certa, e que não era para eu mudar minha maneira pela vontade de terceiros. Falou também que há mais de 10 anos um trabalho não era aplaudido na clínica, me parabenizando pela garra e coragem. Eu sorri e meus olhos encheram de lágrimas pela satisfação de estar no caminho.

3.3 Experiência no estágio da Secretaria Municipal de Saúde de POA/RS:

Logo em seguida me inscrevi para estágio de ênfase em políticas públicas na Secretaria Municipal de Saúde, pois tudo que eu queria era trabalhar com meu povo **kaingang**, essa era minha chance. Mas como falar de algo que para mim é tão comum, comer

fuja, êmi, pois em agradecimento à visita, sempre oferecemos comida. Neste estágio eu posso ser quem realmente sou, ir de chinelo, com a roupa que eu me sentir bem, nossas reuniões, são regadas de risadas que aquecem o coração, mas quando precisa arregaçar as mangas e ir à luta todos da equipe estão prontos.

Rosa Rosado me recebe de braços abertos, respeitando meu modo de ser e viver, posso levar meu filho **kafág** para as visitas a campo, assim como para as reuniões em equipe, tornou-se parte da equipe, meu pequeno guerreiro. As dificuldades batem às vezes, sem carro para se deslocar, sem verba, mesmo assim, estamos ali prontas para tudo, buscando uma saúde indígena diferenciada, que respeita o bem viver, as diferenças de pensamentos. Temos esperança no coração de que cada um fazendo um pouquinho chegamos lá, todos juntos, pois juntos somos melhores e mais fortes.

Fazemos ações como do combate do *Aedes aegypti* (o mosquito que transmite a Dengue) nas aldeias, falamos aspectos das doenças sexualmente transmissíveis nas rodas de conversa com a comunidade **kaingang** nos aponta suas demandas, suas frustrações, mas também leva seu **kanhgág êg my hâ**, na maioria das vezes nos esperando para o almoço, com comidas típicas da cultura **kanhgág**. Me alegra chegar na comunidade, falar minha língua, reviver o que é coletivo, o cheiro da terra, a vida daqueles que lutam para apenas sobreviver, apesar de tantas violações de direitos, mas a vontade de viver a cultura **kanhgág** é maior ainda.

Na Páscoa, os parentes **Kanhgág** vêm de todos os lados para confeccionar e vender artesanatos na grande Porto Alegre. Vamos até eles levando repelentes, junto da equipe fazemos acompanhamento médico das gestantes, **kofás** e todos aqueles que ali precisam de atendimento. Muitos dos **kofás** não falam a língua portuguesa ou falam muito pouco, e lá estou eu, mais uma vez, buscando ajudar na tradução de linguagem para um melhor atendimento para meu povo.

Eventos para melhorar a atenção diferenciada à saúde indígena são feitos todos os anos, com vários temas, para que possamos ouvir da comunidade e lideranças como aprimorar nosso trabalho e saber se estamos no caminho certo. Em 2019 falamos sobre “Bem viver e Saúde Mental Indígena: desafios e horizontes”. Dividi a mesa com o grande líder **kujà** Pedro, onde trouxemos juntos o quanto a psicologia está nos rituais, na floresta, apenas com outros modos de viver. Mostramos o quanto brincadeiras como se pintar de índio, usar cocares no carnaval nos deixa adoecidos, pois nossas pinturas corporais e nossos cocares são sagrados,

não são para um branco do olho claro bater na boca fazer UHHH UHHH UHHH. Enquanto uns brincam de índio, os povos originários lutam diariamente contra madeireiros, agrotóxico, fazendeiros e muitos são mortos por ter o corpo marcado com seu urucum, com seu jenipapo, por usar cocar. Alguns brancos brincam de índio enquanto os nossos morrem lutando pelos seus territórios roubados.

Na Casa de Estudantes da UFRGS nunca tivemos alguém ou algo que nos orientasse como usar nossos direitos em saúde na selva de pedras, atendimento em postos de saúde, por exemplo, dentista. Ao chegar na SMS, uma das primeiras tarefas foi pedir à coordenadora como podíamos inserir meu coletivo, pois quando necessitava de atendimento voltava para sua aldeia de origem. Com muita destreza Rosa Rosado entrou em contato com a Unidade de Saúde Santa Marta que nos acolheu, com profissionais maravilhosos se deslocaram à Casa de Estudantes logo em seguida, cadastrando todos os estudantes indígenas. A preocupação era tanta da parte dos profissionais de saúde que foram feitas reuniões diretamente com os indígenas, para que juntos pudessemos realmente fazer um trabalho diferenciado e de qualidade e capacitações foram solicitadas para a equipe poder atender cada vez melhor. Nesta época tínhamos quatro indígenas gestantes na casa, duas já em fase final de gestação, que para fazer acompanhamento se deslocavam para suas aldeias. Gustavo, o agente comunitário de saúde, nos atendia sempre muito preocupado com a saúde do coletivo, nos disponibilizando até mesmo seu contato pessoal ao qual se referiu que em muitos anos de serviço nunca teria disponibilizado aos usuários. Nos atendendo sempre e agilizando atendimentos, pois além de termos uma carga horária excessiva, tínhamos que nos deslocar até a unidade para marcar consulta e posteriormente sermos atendidos, ao que para nós era muito novo, pois nas aldeias apenas chegamos no posto.

Duas das gestantes tiveram complicações com seus bebês, uma de nossas kaingang ficou internada com seu filho **Penfág** três meses e vinte dias no hospital com Micrognatia, definida como a deformação da mandíbula inferior, que é menor do que o normal. Nosso segundo guerreiro **Gokanh** nasceu com uma parte da cabeça inchada, como se tivessem tentando arrancá-lo do ventre de sua mãe, em nenhum caso nossos **kujá** foram acionados, conversando com minhas parentes chegamos a uma conclusão, a energia ruim dos fóg que não aceitam nossos filhos na casa de estudantes esteve nos afetando. Era o **kanê kórég** (olho ruim) daqueles que não nos querem ali, prejudicando até mesmo a gestação das parentes que ali lutam por um futuro melhor para seus filhos, pois eles são nossa semente. Resistir para

existir, onde houver uma indígena haverá seus filhos, não é algo que para nós se separa, somos abençoadas pelos filhos, pelos espíritos que os protegem, pois estes já habitaram nossa Mãe Terra, já foram um **rêgrê**, um **jóg**, um **kenké** e nos escolheram para voltar para nosso coletivo. Desde muito cedo aprendemos a maternidade como algo sagrado, levamos nossos filhos para a mata, ensinamos como se pedir permissão à floresta ainda na barriga, carregamos nossos pequenos depois de nascidos em cestos, em lenços pendurados nas costas, nos seios, em nenhum momento se separa mãe e filho.

Relato de Caso 3:

Na semana do dia 13/05/19, a situação de P. chegou ao conhecimento da Área Técnica da Saúde Indígena da SMS, através de contato da equipe de serviço social do Hospital de Pronto Socorro (HPS) de Porto Alegre. Esta equipe fez o contato devido à gravidade e criticidade da situação em que se encontrava o menino. Chega na UTI desse serviço com 57% do corpo queimado, devido a acidente ocorrido em uma aldeia mbyá guarani do interior. Na reunião pensamos como faríamos esse acompanhamento tão delicado ao mesmo tempo com a delicadeza espiritual. Nina residente acompanha o caso mais de perto, mas em todos os relatos me machucava tanto que saia exausta, angustiada como se eu estivesse lá, ouvindo e vendo tudo. Nesse primeiro momento, houve indicação para amputação de membro inferior do menino, procedimento esse não autorizado pelos pais. É a partir dessa negativa, que a AT foi acionada. O MPF foi consultado e informado ainda nesse primeiro momento. Seguimos acompanhando a família, tanto no sentido de apoio a estes, como no exercício da garantia de seus direitos diferenciados, buscando a articulação dos saberes tradicionais mbyá-guarani com os saberes biomédicos, e o respeito à cosmologia deste povo. A criança dá sinais de melhora, exames são feitos, todos vibramos juntos, nosso guerreiro não iria mais precisar do procedimento, duas semanas se passam o caso se agrava novamente e volta para o respirador. A equipe do hospital novamente solicita que o membro inferior (perna) seja amputado, pois havia uma infecção generalizada que poderia o levar a morte, assim os médicos ocidentais.

O pai pede para que a liderança espiritual mbyá-guarani, o karaí, pudesse ver o menino, trazer ervas, benzê-lo, mas seu pedido não foi aceito, apenas ver, tocar no menino

não podia. As lideranças e médicos espirituais mbyá-guarani tiveram uma discussão com a equipe médica, não aceitando o procedimento de amputação, afirmando que o menino iria embora caso esse procedimento fosse feito, afirma seu pai. A mãe só conseguia chorar não tinha mais forças para brigar, salvar seu filho era a única coisa que importava naquele momento. Num segundo momento o MPF autoriza, via juiz, o hospital a realizar o procedimento, pois seus pais se recusam aceitar. Em 04/06/19, mesmo parecendo boa resposta clínica ao procedimento realizado, a equipe do hospital avalia que não havia mais nada que pudesse fazer e o menino entra em cuidados paliativos devido a não reconstituição de sua pele. Colocam em reunião com a família e, posteriormente, em reunião com familiares, cacique, AIS, karaí, representante da SMS e do MPF, informando da decisão da equipe e que ele permanecerá recebendo esses cuidados paliativos, sem novas intervenções. A família expressa possibilidade de aplicação de medicação preparada por karaí, à qual é inicialmente recusada pela equipe médica. O menino acabou falecendo no dia 06/06/19.

Trecho do relatório elaborado pela área técnica de saúde dos povos indígenas na SMS (residente Psicóloga Nina):

Diálogo entre médica coordenadora da unidade e familiares minutos antes da amputação

“-Essa perna está podre. Não há mais o que fazer. Tu consegue entender isso?! Essa perna está podre. Morta.

-Mas eu só queria... eu só queria que esperasse um pouco mais... esse meu cunhado tá vindo, tá vindo com um remédio pra passar na perninha dele... aí a gente vê se não melhora....

-Não dá pra passar nada. Essa perna já está podre. Tu tá entendendo? Eu sei que é difícil pra ti, pai, eu sei que é difícil pra ti, mãe, mas é pra salvar a vida dele. Essa perna podre é que tá proporcionando a infecção que ele tá no corpo inteiro dele. É a única chance que a gente tem pra tentar salvar a vida dele. Se a gente não fizer ele vai morrer. Tu entende? (fala em voz mais alta)

- (afirma lentamente com a cabeça) É que a gente queria que esperasse um pouco mais... ele tá trazendo esse remédio que pode ajudar, que pode melhorar a situação dele, né...

-Não tem o que fazer. A perna está podre. Está morta. Ou vocês tem algum remédio que traz pra vida uma coisa que tá morta?!

-Sim. Tem pajés que são muito poderosos...

-Teu pai, tua mãe, tua vó, teu vô, teu bisavô, teus ancestrais estão todos vivos?!

-Sim!”

Médico cirurgião responsável pela cirurgia de amputação em relação à negativa dos pais

“Pra que trouxeram ele pra cá, então?”

Conversa (Nina) por telefone com liderança política Mbyá-Guarani

“-Eu falei pra ele, ele não pode dizer que sim. Não pode sair da boca dele que sim. Os juruás (brancos) se acham muito poderosos, mas eles não têm tanto poder assim. Vai ser o que Ñanderu quer que seja.”

Deparar-se com a morte não é tarefa fácil. Os pais tentaram avisar, não iria ficar junto de nós caso o procedimento seja feito, ele irá embora. O limite do corpo, as cosmologias, ecologias, os significados e percepções envolvidos, somos espírito que pensa! Que sente! Somos a reencarnação de espíritos mais antigos! Morrer não significa acabar e sim transformar. “Levar a sério a proposta "espiritual" dos Mbyá nesse caso é sair do nível confortável do lógico para suspendê-lo, para entender como os Mbyá-Guarani procuram e estão atentos às alterações que atingem a percepção externa e também interna ao corpo, incluindo as manifestações imagéticas, oníricas e simbólicas produzidas supostamente (para nós, cientistas) pela mente individual. E, ainda mais, sua cosmoecologia concebe possível manipular a materialidade e as propriedades substanciais dos corpos, seja através da dieta, seja pela participação em procedimentos rituais, ou pela introdução de objetos mágicos no corpo de pessoa atingida por feitiçaria. Levar a sério os Mbyá é pensar possível conversar com deuses e com os espíritos guardiões dos entes naturais (animais, vegetais, minerais), assim como é preciso respeitar os espectros de mortos que vivem nas matas e que rondam as casas durante a noite. É necessário suspender nossos preceitos lógicos mais arraigados para aceitar possível que a consciência suba em direção ao céu e converse com o Grande Pai, Nhanderu, atravessando imensas distâncias pelo ar ou sob as águas, tudo em lapsos de segundo.” (Catafesto, 2017). A radicalidade a que se refere Catafesto talvez tenha uma importância fundamental para nosso trabalho. Se não deixamos de lado nosso cientificismo embrutecido para dar lugar a novas possibilidades de percepção, concepção, expressão e composição do mundo, corre-se o grave risco de operar enquanto agentes que perpetuam o

colonialismo. Alguns pensadores (como Eduardo Viveiros de Castro, Isabelle Stengers, Davi Kopenawa entre outros) têm indicado, em convergência com o exposto por Catafesto, que a radicalidade se coloca no sentido de que não necessariamente compartilhamos de uma mesma natureza. Aquilo que acomete a um corpo, entendido por nós como humano, poderia, na perspectiva Mbyá, por exemplo, transformá-lo em onça. De fato. Não simbolicamente, mas orgânica e materialmente. Nesse sentido, a expressão de uma doença e seu consequente tratamento podem tomar caminhos extremamente diversos e, por vezes, como na situação aqui descrita, incompatíveis. Para a medicina ocidental, a amputação significava a única possibilidade de vida para o menino mbyá. Para os familiares, a amputação significou sua morte.

3.4. Entre o conhecimento e a maternidade - recordar é resistir:

UFRGS disponibiliza 10 vagas, escolhidas entre lideranças e alunos indígenas que entram em consenso. Busca-se optar pelos cursos que mais estão sendo aproveitados, pois se tem uma evasão muito grande nas universidades hoje, costumo dizer que a universidade nos dá acesso, mas não dá permanência, primeiro porque não respeita nosso modo de ser e viver, muitas experiências que trouxemos da nossa cultura não são bem aceitas.

Costumo dizer que já nasci guerreira, nasci mulher, nasci indígena, nasci **kaingang!** Ser mãe na universidade é ter que escutar “você vai doar seu filho?”, “como vai fazer para estudar?” “Tem certeza que você quer um filho agora nesse momento?” “Nossa! e agora guria, o que tu vai fazer?” Mal sabiam que ser mãe é ser abençoada de verdade, pois acreditamos que somente somos abençoados depois de sermos mãe.

Sabia que aqui não seria fácil viver o mundo do **fóg**, passei por tantas dificuldades que até fome quase passei, só não aconteceu porque eu somente com a cara e a coragem, levava um potinho escondido no RU (restaurante universitário da UFRGS) e pegava comida escondido, pois meu filho não podia ter acesso. Como comer e deixar teu filho com fome até parece uma piada, mas foi assim, três anos escondida com meu filho na CEU (Casa dos Estudantes da UFRGS). O tempo foi passando e eu me tornando mais forte, brigando igual leoa. Meu filho ficou um ano na aldeia com minha família, mas parecia ser pior, eu só chorava, meu sofrimento aumentava cada vez mais. Mas a universidade exigia que tivéssemos boas notas, que a TIM tem que estar regular para não perder os benefícios. Não entendo, como, com todo esse sofrimento, apenas pensar nos números que a universidade exige.

Nosso ensino hoje nas aldeias ainda é muito precário. Se a educação pública nas cidades grandes sofre com a falta de verbas, capacitações, etc, nas aldeias é ainda maior: quem sabe um pouco mais tenta passar adiante seu conhecimento. Minha mãe, por exemplo, foi uma das primeiras professoras da aldeia, só tinha a 4 série. Isso impacta muito quando chegamos na universidade e somos cobrados. Colegas fóg se preparam a vida toda para estar na universidade. Eu nunca fiz cursinho, nem curso de computação, nem nada. Nossa escrita é muito precária, sofremos muito até mesmo quando vamos falar o português com medo de falar errado e rirem de nós. Termos como “A priori”, “A posteriori”, eu ria dentro de mim e pensava: que língua é essa que nunca vi? Mas meus professores insistiam em dizer que são algo básico para estar na universidade, “conhecimentos do ensino médio”.

Saber ler e escrever na minha língua materna, que ouvi e vivi a vida toda é uma coisa. Vir para a universidade e exigirem que temos que ler, escrever uma segunda linguagem da forma do colonizador é uma tortura, nos causa sofrimento espiritual ao qual nos consome e não podemos expressar, pois na cidade o que vale é o que o **fóg** dita. Imagine você que lê se de repente acorda no Japão, sem saber falar a língua, sem saber ler, o que faria? É assim que acontece com nós, indígenas. Vir pra universidade e ter que se adequar às normas de linguagem, carga horária, textos acadêmicos etc, onde tudo é formal, horários regradíssimos. Como já tenho dito e reforço, não temos essa coisa de horários, relógio é do **fóg**, não vivemos à base de regras, nosso tempo é outro.

Por tantas vezes, me sentia envergonhada por não ter aquele conhecimento, mas todos os dias o **ró** (sol) nasce e temos chance de vencer, era assim que eu pensava. Estudava e estudava de novo, para que eu pudesse chegar ao conhecimento que me pediam, mas meus trabalhos acadêmicos não eram tão bons assim, eu ainda continuava excluída pelos meus colegas, entrava calada e saia muda. Medo, frio na barriga eram constantes, principalmente quando se tinha que fazer algo em grupo, medo da rejeição, por não ser tão boa quanto meus colegas, me adoecia, mas ninguém via, mesmo estando na graduação em psicologia. Algo que doía muito era meus colegas não me cumprimentarem, pois me sentia como se não existisse. Pode pensar o porquê de estar repetindo isso, mas as vivências sofridas na universidade foram muito marcantes na minha vida. Hoje sei que temos sim muita capacidade de fazer trabalhos ser um doutor igual ou melhor que o **fóg**, pois lutamos para isso, cada dia uma nova batalha. A resiliência está junto de nós, por isso não somos povos revoltados. Tiraram tudo de nós, nossos territórios, nossas línguas, fomos escravos, mas nunca duvidamos da capacidade de

nossos guerreiros. Nascemos da luta e vai seguir assim, somos felizes assim, pois não carregamos sangue nas mãos, buscamos ter voz e vez na sociedade, para que nossa educação melhore, nossa saúde melhore e nossas ervas medicinais ouvidas, pois apenas elas curam, fármacos ajudam, mas não nos curam. Queremos falar por nós, pois se cada vez que um não indígena fala por nós, ou for falar por nós, vai continuar como está, apenas alguns se beneficiando. Temos sim e vamos mostrar nossa potência, que é muito maior do que as pessoas imaginam. Temos uma cultura diferente, uma cosmologia rica, vemos as árvores e a natureza com olhos diferentes, os céus com olhos diferentes, mas somos feitos da mesma carne, que sangra. Na cidade grande somos separados por tonalidades de pele, como se isso fosse mudar algo, quando o grande espírito nos chamar em outra missão, seremos todos consumidos pela terra, sem diferença alguma apenas nosso espírito permanece.

Temos muitos porta-vozes, ao qual se dizem falar por nós, não entendo o porquê, pessoas falam por nós. Não se nomeia, dizem os/as indígenas. Na universidade não é diferente, a luta é desde o primeiro edital para que se tenha uma casa do estudante indígena, temos nosso modo de viver, nosso coletivo unido, com filhos, parentes etc. O adoecimento espiritual das mães indígenas é muito visível, pois muitas para estarem na universidade deixam seus filhos com familiares em suas aldeias, por não respeitarem nosso modo de ser e viver.

Na universidade hoje, somos 90% mães indígenas, buscando ocupar nossos espaços por direito. Junto de nosso seio vêm nossos filhos, aos quais a universidade não dá a mínima assistência. Lutamos muito pela casa do estudante indígena, para que possamos receber nossos filhos, nossos **kofás**, nossos parentes que vêm para a cidade vender seus artesanatos. Recordo-me de tantos sofrimentos e humilhações para que eu pudesse estar junto de meu filho e pudesse estudar.

Teve um período que resolvi dar um tempo na vida acadêmica, pois ela estava me fazendo muito mal, meu filho nasceu doentinho, 6 meses todas as noites ele chorava de dor, voltei para meu território, já com medicamentos para depressão pós-parto, assim foi me dito, foram quase 2 anos tomando fármacos que me tiravam a vontade para tudo, não vi meu filho se desenvolver, só queria dormir. Em público, não gostava nem de pensar, me sentia a pior pessoa do mundo, estava vivendo no automático, não tinha nem lágrimas para chorar, meus sentimentos foram embora quando o homem branco falou que meu corpo estava adoecido e cansado por ter sido mãe tão nova, foi assim que foi falado para minha mãe. Sem vontade de

viver, meu filho crescendo e eu perdendo todos os detalhes de como ser mãe. Um dia minha mãe sentou e começou a me lembrar o quanto essas doenças não são nossas, que o **fóg** simplesmente vem e aplica sua medicina que não é nossa e temos que seguir, me disse: “joga esses remédio fora, saia de dentro de casa, vai tomar um banho de rio, vamos fazer **vênh kagta**, chega de você sofrer” e assim foi, menos de um mês já não me sentia como antes, estava voltando à vida que eu estava esquecendo de viver. O tempo passa e eu já me sentia forte o suficiente para voltar para a universidade e trazer meu **kanhgág êg my há**, trazer minha medicina tradicional para dentro da academia, aquela que eu aprendi minha vida toda e por um descuido estava deixando para trás.

Voltando para a universidade estava me saindo muito bem, levando o que realmente é a psicologia nas aldeias indígenas, nossos rituais, nossos rios, nossos benzimentos, nossas ervas medicinais. Eu estava sendo quem eu sou e pela primeira vez meus colegas estavam achando interessante e gostando do que eu levava em sala de aula. Como aqui tudo é luta, eu resolvi ser eu mesma, trouxe meu filho para a universidade, para a CEU, fui contra todas as regras, mas não eram minhas regras, eu desconheço esse tipo de tortura que faz você escolher entre estudar e viver com seu filho. Meu pequeno **kafág** não é o único, mas foi o primeiro a enfrentar tudo e todos ao meu lado. Recordo como era difícil meu filho ir até o corredor, por exemplo, que lá iam me denunciar dizendo que havia crianças na Casa, meu guerreiro tomava banho somente depois da meia noite quando quase todos já estavam descansando, ir ao restaurante universitário, fora de cogitação, mas eu como mãe, não podia comer e deixar meu filho com fome, então por alguns dias até eu poder comprar um fogão elétrico, pegávamos comida no RU (restaurante universitário), mesmo sem permissão. Algo que me deixava muito triste, era ver ele perguntando o porque ele não podia viver comigo ali, onde era sua casa, sua família. Sempre fomos muito pacíficos, mas nossa presença incomoda nesses espaços, pois não entendem nosso modo de ser e viver.

Meu pequeno guerreiro é uma criança muito especial, passando algum tempo conseguiu conquistar o coração de muitos moradores da Casa. Conseguimos força para que fôssemos aceitos aqui neste local onde ele chama de lar. Sabemos que não tem infraestrutura, mas aqui é muito melhor que passar as noites embaixo da ponte, aqui estamos seguros. Hoje meu pequeno é tão conhecido que chamam de mascote da CEU, cumprimenta todos os porteiros, sabe nome por nome, fazemos festinhas como no natal, ele fica fascinado, pois aqui é onde ele cresceu e aprendeu que, sim, têm muitas pessoas boas que nos entendem. Vamos

ao RU, mas não com autorização da universidade e sim por pessoas que veem minha luta e gostam do meu guerreiro. Tudo isso nos causa dor e sofrimento sim, mas seguimos cada dia vencendo um obstáculo.

Onde houver um indígena o espaço será território indígena, eles não vão nos moldar. Jamais teoria alguma fará que um indígena seja **fóg**, nossa essência está em nosso espírito e não no corpo, podemos falar mais academicamente, sim! Podemos viver na cidade, sim! Indígena tem urucum nas veias, não vai ser o conhecimento europeu ocidental que irá conseguir fazer uma lavagem cerebral. Volto a afirmar a psicologia **kanhgág**, na qual se conectar com outro mundo, ouvir vozes é se sentir vivo para meu povo, sentir a Mãe Terra, colocar seus pés no chão, dançar, fazer rituais é se sentir vivo.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PSICOLOGIA KAINGANG

Me sinto orgulhosa de fazer parte desse caminho, pois nós **kanhgág** somos a maioria entre os indígenas hoje na UFRGS. Quase todos na área da saúde, faremos a diferença, pois uma das áreas mais precárias nas aldeias ainda é a da saúde. Órgãos que trabalham com saúde indígena pagam um dos valores mais altos do mercado, mas mesmo assim, muitas vezes não temos inscritos e em várias vezes que temos uma quantidade maior para ingressar na saúde indígena é pelo valor alto que se paga. Profissionais na maioria despreparados, que nunca ao menos tiveram contato com territórios indígenas. Impondo a biomedicina dos **fóg** sem considerar ou reconhecer que temos nossa própria medicina tradicional, que deveriam com ela dialogar para trabalhar. Mas estão cegos com a medicina ocidental, fazendo assim que nossos atendimentos sejam cada vez mais precarizados. Precisamos de pessoas capacitadas, que entendam ou ao menos se coloquem no lugar do outro, com empatia. Para isso temos que ter vez e voz, falar por nós mesmos, pois só assim teremos uma “saúde indígena” do indígena. Somente quem passa por toda violação de direitos como nós sofremos há mais de meio século saberá como trabalhar com nosso povo. Sentimos na pele a dor de sermos deixados de lado em um país que é nosso, mas que foi arrancado e dado de presente a outras pessoas. Não buscamos capitalismo, apenas queremos viver de nossa essência, papel que temos como dever passar adiante aos nossos **kósin** (filhos) para que não se percam nossa língua, nossos rituais, nossa forma de saudar a Mãe Terra que é o coração de todos, pois sem ela não estaríamos aqui.

Resistimos e existimos, não buscamos ser o melhor dos melhores, apenas queremos ocupar nossos espaços. Muitos de nós indígenas estão ficando sem bolsa permanência, pois o MEC não aceita que tenhamos mais de quatro faltas durante o semestre. O que eles não sabem é que muitas vezes essas faltas são pela resistência dentro da universidade. Passamos com C, de campeão, e somos gratos por isso. Estamos avançando e é isso que importa, estamos sobrevivendo à selva de pedras. Lembro de um episódio onde realmente estamos prontos para guerra: uma de nossas indígenas estava visitando-nos na casa do estudante quase que diariamente, com suas duas filhas pequenas. Vivemos no coletivo, nossos almoços são sempre melhores todos juntos. Assim fazíamos, mas para quem não entende a cultura **kanhgág**, não significa nada. Em um desses vários dias essa parente busca estar presente junto ao seu coletivo e foi questionada, o porquê estaria diariamente com as suas duas **kósin** na CEU. Até aí tudo bem, pois as denúncias de nosso **kanhgang êg my hã** era contínuo, mas nunca desistimos de estar juntos. Justo neste dia a diretoria, CAF (comissão de ações afirmativas), PRAE (Pró-Reitoria de assuntos estudantis) teria uma reunião com os indígenas que residiam na casa. A diretora na época encontrou nossa parente no corredor e a tratou da pior maneira com a fala “se tu passares mais de três vezes na portaria com as meninas, terei que mandar te barrar”. A parente com suas filhas nos conta chorando e claro que ficamos bravas. Aquela mãe só queria estudar e estar junto de seus filhos, mas não podia, pois a sociedade branca não aceitava isso. Como assim, a universidade nos dá acesso e não respeita nosso modo tradicional de ser e viver. Dói como se arrancassem um pedaço de nós, nossos pequenos são vida, dar vida a uma casa morta, que fica apenas aqueles que não têm uma segunda opção. Este tipo de ação causa adoecimento espiritual, arrancar nossos filhos é isso que a universidade faz ao virar as costas para as mães indígenas, nos enfraquece, mas não desistimos de lutar, ainda mais por aqueles que estão sob nossos cuidados, nossos filhos, nossos **kofá**, são o coração dos nossos territórios e onde estiver um indígena, será território indígena.

Não me encaixo na mãe suficientemente boa de Winnicott (1971/1984), que impõe regras. Sua teoria sugere que quando a mãe tenta ser perfeita acaba sofrendo mais do que deveria, pois suas expectativas acabam sendo frustradas. Nossos **kósin** não têm a criação de Winnicott, mas em compensação não são crianças/adultos problemáticas, pois conhecem o mundo desde pequenos, seguem na luta, desde a barriga da mãe, não somos a família de comercial de margarina, mas somos a verdadeira família tradicional brasileira. Penso que a

Psicologia **Kanhgág** tem a contribuir também com os **fóg**, para que apartem esse sofrimento de correr atrás de dinheiro, viver preocupado e triste.

Nossas risadas incomodam na casa do estudante da UFRGS, até por este motivo somos denunciados, rir alto virou um problema sermos felizes juntos virou problema, as justificativas são que somos “irresponsáveis e não estudamos como os não indígenas”, ao menos estamos felizes ali juntos. Se entrarmos na loucura da universidade aí sim iremos adoecer, mas enquanto correr em nossas veias a luz e os sussurros de nosso povo, jamais largamos a mão de um parente. Estar na universidade é um ato de coragem e resistência, para levar melhorias para nosso povo. Povo resiliente, essa é a nossa definição. Enquanto alguns buscam perfeição, apenas buscamos esquecer de todos os obstáculos, sofrimentos na universidade. Somos gratos por tudo que temos, não levamos mágoas de nenhum espaço onde passamos, levamos experiência, saímos mais fortalecidos para levar cada vez mais conhecimento ao nosso povo, conhecimento esse que pode salvar um território.

Como lidar com aqueles que manipulam nossos conhecimentos? Trago isso como uma pergunta, pois onde estão as inúmeras pesquisas, teses, onde indígenas são usados apenas para dar título a algumas pessoas que jamais retornaram, ao menos para dizer que foi publicado. Tentamos acreditar em não indígenas e suas pesquisas dentro da aldeia, mas cada vez mais nos decepcionamos. Para nós, o que vale é nossa palavra, para o branco essa tem que tem que estar em um pedaço de papel assinado. Sonhamos que um dia estas pesquisas venham ajudar a fortalecer as comunidades, mostrando o quanto ainda somos esquecidos, ficamos à mercê, mas nunca desistimos. Povo resiliente que luta todos os dias para curar os adoecimentos que nos rondam dia e noite, pesquisas que poderiam mudar a realidade das aldeias, mas são engavetadas e os autores ganham um título, e mais uma vez ficamos esquecidos, nos virando as costas quando mais necessitamos.

Como falar de uma psicologia europeia ocidental para um povo que acredita no sobrenatural, que cultiva seus ritos, seus banhos de ervas? Aqueles que aprenderam a sobreviver em um mundo onde ver/ouvir vozes é tido como louco, ao contrário de todo seu aprendizado onde este tipo de contato mostra sua conexão com outros mundos, sentir-se vivo, abraçar uma árvore, pedir permissão à mãe terra, aos rios. Buscamos levar o conhecimento de nosso povo para dentro da universidade. Nossos **kofás**, por exemplo, trabalham com educação, são nossos mestres educadores, nos mostrando como devemos seguir em um mundo onde não somos aceitos. **Kujá**, médicos espirituais, aqueles que nos banham e fazem

rituais de cura para que nosso espírito seja fortalecido. Lutas foram travadas dia e noite, acampados em frente à universidade, meu povo assim fazia para hoje estarmos falando aqui sobre saúde indígena. Nada foi dado, mas cá estamos, pois somos guerreiros.

Nossos antigos, quando viviam ainda sós na floresta, eram realmente sábios. Eles preferiam os dizeres dos cantos dos **jagrês** a qualquer outro pensamento. Mas hoje os brancos se aproximaram da nossa terra e as palavras deles criaram obstáculos à voz dos nossos antigos. Quando pergunto aos **kofás** consigo ter uma ideia interessante de como foi se dando esse processo de enfraquecimento dos **jagrês** e a que especificamente é devido à colonização dos desejos. Assim, as palavras dos **jagrês** enfraquecem no pensamento dos jovens, sentem-se envergonhados de dançar nossas danças, que os reverencia. Promover saúde espiritual a partir do psicossocial com base na história de um povo que tão sofrido, que quase todo dizimado, mas que busca viver suas relações, se adaptando ao mundo do **fóg** para sua sobrevivência é um desafio. Coloco alguns pontos na psicologia, como forma de contribuir na saúde indígena:

- Aprender as culturas indígenas para que se tenha realmente uma psicologia diferenciada e cuidadosa;
- Estudar e compreender as questões e características da aldeia antes de fazer uma escuta;
- Não impor práticas da sociedade não indígena;
- Considerar significativamente o pensamento, as ideias de cada indígena;
- Respeitar a maneira de ver o conceito de saúde e doença de cada aldeia;
- Aprender sobre a medicina tradicional, para que o **kujà** e os **kofás** realizem juntos suas intervenções;
- Aprender a alegria e a simplicidade junto de nossas **gîr sî** (crianças)
- Aprender a leveza e a gratidão que temos ao estarmos juntos, no coletivo fortalecendo e sendo fortalecido;
- E promover encontros com profissionais que atuem há mais tempo em outras comunidades indígenas, para trocas de experiência e produções coletivas ao longo de suas trajetórias com a saúde indígena, entre outras questões.

Por meio de escuta atenta e cuidadosa, o profissional da psicologia pode contribuir, para que os protagonistas sejam os indígenas, atuando no fortalecimento de sua autoestima e identidade, contribuindo para o avanço dos diálogos e superação de preconceitos, buscando assim uma melhoria de vida. Pois as questões que hoje ainda são enfrentadas são fruto da

colonização de um povo que foi desvalorizado e carrega consigo essas feridas profundas. Falar nisso é falar de uma psicologia que cura pela palavra, cura pelo amor. O amor é muito necessário na psicologia indígena. Vivenciar o amor fortalece o espírito que protege das doenças, como disse o Cacique Mbyá Guarani Cirilo.

A Psicologia **Kaingang** não foge disso, tem que ser feita com amor e precisa trazer uma nova perspectiva, para salvaguardar culturalmente nosso povo que pensa e age diferente da sociedade hegemônica que, por não aceitar os diferentes, os isolam. O contato com o homem branco ainda é colonizador, em pleno século XXI. Somos vistos como atrações de circo, onde ser indígena é ser exótico, mas ser indígena é ser resistência. Ao mesmo tempo, a sociedade não aprendeu que seguimos nosso tempo, querendo nos moldar para dizer que aqui não existem mais indígenas. Por mais que tentem nos convencer, nunca seremos como **fóg**. Os saberes indígenas consistem no silêncio dos ventos, no canto dos pássaros, no embalar das folhas, no assobio sereno dos rios, no contato sagrado com a Mãe Terra. **Kanhgág** não quer ser **fóg**, queremos falar por nós, sobre nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRINGMANN, Sandor Fernando et al. Entre os Índios do Sul: Uma análise da atuação indigenista do SPI e de suas propostas de desenvolvimento educacional e agropecuário nos Postos Indígenas Nonoai/RS e Xapecó/SC (1941-1967). 2015.

CLAUDINO, Z. Key. As narrativas kaingang nas aldeias. In: FAGUNDES, L. F. e FARIAS, J. M. (orgs) Objetos-sujeitos: a arte kaingang como materialização das relações. Porto Alegre, FUNAI. Ed. Deriva, 2012. pp.31-40.

DE ALMEIDA OLIVEIRA, Philippe Hanna. Aspectos da vida diária Kaingang: o gênero na aquisição, preparo e distribuição da comida. 1996.

DE SOUZA, Maximiliano Loiola Ponte. Processos de alcoolização indígena no Brasil: perspectivas plurais. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2013.

EQUADOR. Constitución de la República del Ecuador (2008). Disponível em: . Acesso em 20 jul. 2019.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Editora Companhia das Letras. QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. 2019

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Editora Companhia das Letras, 2019.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Melusina, 2020.

VEIGA, Juracilda. Cosmologia kaingang e suas práticas rituais. São Paulo: UNICAMP, 2000.
Souza, J. O. C. D. (2017). Rastrear perceptos dos Mbyá-Guarani na etnografia de caminhada do Mburuvixá José Cirilo Pires Morinico: cosmopolítica transnacional, póscolonial e historicidade originária na Região Platina do III milênio. Espaço Ameríndio. Porto Alegre, RS. Vol. 11, n. 2 (jul./dez. 2017), p.[295]-335.
https://www.conjur.com.br/2008-nov-09/natureza_tornar_sujeito_direitos.

WINNICOTT, D. W. (1984). Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil, (1ª ed.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1971).